



QUINTA DA PENHA LONGA EM SINTRA

Análise e Requalificação dos Jardins

Andreia Filipa Oliveira Leite

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitectura Paisagista

Orientadora: Mestre Sónia Maria Loução Martins Talhé Azambuja

Júri:

Presidente: Doutor Luís Paulo Faria de Almeida Ribeiro, Professor Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

Vogal: Doutora Ana Luísa Brito dos Santos de Sousa Soares Ló de Almeida, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

Vogal: Mestre Sónia Maria Loução Martins Talhé Azambuja, Assistente Convidada do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

AGRADECIMENTOS

À minha família,

Aos meus amigos,

À minha orientadora Arq^a Pais. Sónia Talhé Azambuja, pela ajuda e orientação

Aos trabalhadores da Penha Longa Hotel, Spa & Golf Resort em especial ao Senhor Nuno Afonso pela visita guiada e ao meu colega Francisco Correia,

À D. Elvira do Arquivo Municipal de Sintra, pela ajuda na procura da bibliografia,

À Débora Guerra, ao Bernardo Ávila, à Patrícia Martins e à Rita Lopes por me terem fornecido partes do trabalho deles sobre a Penha Longa,

E a todos que directa ou indirectamente fizeram parte deste trabalho.

RESUMO

Os Jardins Históricos foram construídos ao longo de gerações que trazem até aos nossos dias importantes testemunhos que nos permitem perceber e analisar as características e as preocupações formais, estéticas e simbólicas de cada época. Actualmente muitos dos Jardins Históricos existentes encontram-se com graves problemas de degradação, sendo necessária uma rápida intervenção para que não percam por completo as suas características iniciais. Deste modo, surge o Arquitecto Paisagista que através da análise histórica e com base nas cartas e convenções internacionais do ICOMOS e UNESCO estabelece os princípios de conservação e restauro de cada jardim, tendo sempre em conta as necessidades actuais dos seus utilizadores devolvendo-lhe identidade através de técnicas de restauro, recuperação, reabilitação. Um dos, entre muitos, exemplos existentes em Portugal são os Jardins da Penha Longa em Sintra. Inseridos num complexo monástico do início do século XV, os jardins, elemento de estudo e intervenção nesta dissertação, encontram-se actualmente em razoável estado de conservação, tendo sofrido intervenção recente pela Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra. Foram escolhidos três jardins da Quinta da Penha Longa para sofrerem uma intervenção, com o objectivo de lhes conferir e devolver as suas características iniciais que se foram perdendo ao longo dos séculos.

PALAVRAS-CHAVE

Convento da Penha Longa em Sintra – Jardim histórico – Restauro – Ordem de São Jerónimo – História

ABSTRACT

The Historic Gardens symbolize the passing of generations and bring to today important testimonies that allow us to perceive and analyze the characteristics and formal concerns, aesthetic and symbolic of the era in which they find themselves. At present many of the existing Historic Gardens are serious degradation problems requiring rapid action to not completely lose their initial characteristics. So, arises the Landscape Architect that through historical analysis of each garden and taking into account the current needs of their users return them identity through restoration techniques, recovery and rehabilitation. One among many examples in Portugal are the Gardens of Penha Longa in Sintra. Inserted into a monastic complex of the early fifteenth century, the gardens, element of study and intervention in this thesis, are currently in reasonable condition, having suffered recent intervention by the School of Professional Asset Recovery Sintra. For a more practical approach of this set were chosen to undergo three gardens intervention improvement, in order to give them and return its initial characteristics that were missing over the centuries.

KEYWORDS

Penha Longa Monastery – Historic garden – Restoration - Order of St. Jerome - History

EXTENDED ABSTRACT

The Historic Gardens symbolize the passing of generations and bring to our days important testimonies that allow us to perceive and analyze the characteristics and formal concerns, aesthetic and symbolic of the age in which they find themselves. Currently many of the existing Historic Gardens are serious degradation problems requiring rapid action to not completely lose their initial characteristics. This leads to the Landscape Architect that through historical analysis of each garden and taking into account the current needs of their users return them identity through techniques of restoration, recovery, rehabilitation. One among many examples in Portugal are the Gardens of Penha Longa in Sintra. Inserted into a monastic complex of the early fifteenth century, the set consists of the monastery, the church, the lodges and a series of other rooms and facilities which together form the historical complex of Penha Longa. The gardens, element of in this work study and intervention, are currently in reasonable condition, having suffered recent intervention by the School of Professional Asset Recovery of Sintra. Consisting of seven gardens, Adens, Nuncio, São Gonçalo, Cardeal, Damas, Cerco and Chapião, the Penha Longa is very rich with regard to perception and historical evolution that this set has suffered because every garden is a reflection of the experiences and habits prevalent in every age. For a more practical approach of this set, the Gardens of Adens, Nuncio and São Gonçalo were chosen to suffer an intervention for improvement, in order to give them and return their initial characteristics that were lost over the centuries. This way, through the knowledge acquired about restoration and preservation of Historic Gardens and based on the Heritage Charters and Conventions, will produce a Master Plan for Restoration through the steps of intervention. So, a strategy of intervention based on the study conducted by consulting several sources that show the evolution and current state of the gardens. This study allowed us to make a diagnosis and analysis on the current and initial characterization of three case studies, resulting in the current conservation status and allows prognosis assertive. Thus, an analysis and summary of the intervention program elements under study, it was concluded that both present serious problems of deterioration, and the most visible is the Garden of Nuncio where most of the elements that made the original decoration of this space already they are not in place.

I conclude this work with the Historic Gardens are an important factor that comes to the present day, enabling the understanding of social, economic and artistic value and dignify it as an integral part of the history of other generations. So give yourself a fulfilled goal of glorifying the Penha Longa garden, who brought us such an important contribution, giving the possibility of knowledge to the general public through greater exposure information in the area of Sintra.

INDÍCE

AGRADECIMENTOS.....	1
RESUMO	2
ABSTRACT.....	3
EXTENDED ABSTRACT	4
INDÍCE	5
INTRODUÇÃO	8
AMBITO E METODOLOGIA.....	10
CAPÍTULO I – CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DO CONVENTO E QUINTA DA PENHA LONGA.....	13
1. Caracterização da paisagem envolvente.....	13
1.1. Sintra como Paisagem Cultural	13
1.2. Análise histórica da Serra de Sintra	14
1.3. Localização geográfica	15
1.4. Análise biofísica	16
1.5. Ocupação humana	20
2. Análise Histórica do Convento da Penha Longa.....	24
2.1. Ordem de São Jerónimo	24
2.2. História do convento e seus proprietários	25
3. Estrutura do Convento da Penha Longa.....	32
3.1. Mosteiro.....	32
3.2. Igreja.....	37
3.3. Jardins	39
4. Levantamento dos elementos exteriores do Convento da Penha Longa.....	53
4.1. Elementos construídos	53
4.2. Elementos Naturais	54
CAPÍTULO II – PROGRAMA DE INTERVENÇÃO NOS JARDINS DA PENHA LONGA	56
1. Aspectos teóricos do restauro e conservação de jardins históricos.....	56
2. Proposta de restauro dos Jardins do Convento da Penha Longa.....	60
2.1. Objectivos e estratégia de intervenção	60
2.2. Programa de intervenção geral	62
CAPÍTULO III – PLANO DIRECTOR DE RESTAURO.....	64
CONCLUSÕES.....	65

BIBLIOGRAFIA E FONTES	66
LISTA DE QUADROS E FIGURAS	71
ANEXOS	74

ABREVIATURAS, SIGLAS E SINAIS

EPRPS – Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra

ICOMOS – Internacional Council on Monuments and Sites

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

PSML – Parques de Sintra, Monte da Lua

INTRODUÇÃO

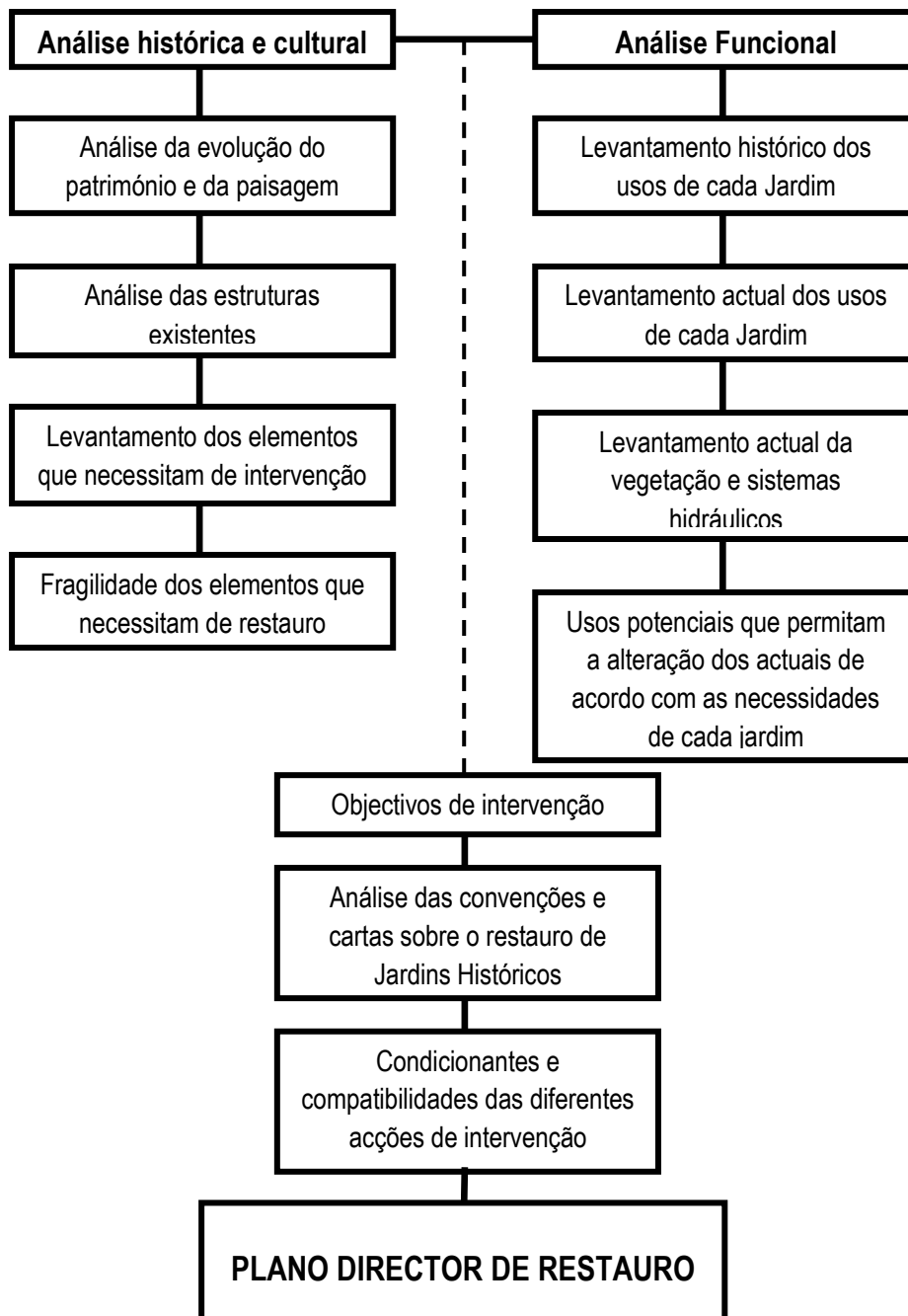
Os Jardins Históricos são importantes contributos que chegam até nós e que fazem parte da memória histórica de uma época passada. Deste modo é essencial a sua preservação e reabilitação, desde que lhes seja devolvida a sua forma e simbolismo original, para que possamos deles usufruir. Dotados de um simbolismo individual são muitas vezes complementados com infraestruturas onde se integram, não deixando no entanto de evidenciar as potencialidades do turismo cultural.¹

O presente trabalho foi elaborado no âmbito da dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura Paisagista, do Departamento dos Recursos Naturais, Ambiente e Território do Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa. Este trabalho surge do particular interesse pelo estudo de Jardins Históricos e o modo como estes representam a cultura de uma região. O gosto pela história, nomeadamente a dos jardins iniciou-se logo no 1º ano de curso, no entanto a frequência da cadeira de Recuperação e Gestão da Paisagem Cultural veio acentuar ainda mais este interesse. Deste modo, e quando surgiu a oportunidade de realizar uma dissertação, decidi em conjunto com a orientadora, realizar um programa de intervenção nos jardins mais degradados do Convento da Penha Longa em Sintra.

O objectivo deste trabalho consiste na elaboração de uma proposta de Recuperação e Requalificação dos Jardins do Convento da Penha Longa, em Sintra, com o intuito de valorização histórica do lugar de modo a dar a conhecer a época em que estes foram construídos, preservando as características originais e respeitando os valores estéticos, culturais e simbólicos do sítio.

¹ Secretaria de Estado do Turismo, *Jardins Históricos de Portugal: Projecto piloto de valorização cultural e turística*, Lisboa, Secretaria de Estado do Turismo, 1995, p. 1

Quadro 1: Esquema da Metodologia de Trabalho ²



² Adaptado de Cristina Castel-Branco, A.C.B. Lda, 19.Abril.2012 (a partir do *National Trust of England*).

AMBITO E METODOLOGIA

O presente trabalho está dividido em quatro partes que se encontram organizadas segundo uma sequência lógica que permitiu o desenvolvimento orientado deste trabalho:

INTRODUÇÃO: Considerações Gerais – define o conceito de jardim histórico, que exprime algumas noções teóricas bastante importantes para o desenvolvimento de um programa de intervenção com aplicações práticas que respeitem o ambiente histórico, físico e ecológico do lugar.

CAPÍTULO I: Caracterização e Análise do Convento e Quinta da Penha Longa em Sintra – onde é feita uma caracterização da paisagem envolvente abordando aspectos como a paisagem cultural de Sintra, sua história e localização; a análise biofísica da envolvente do espaço em estudo assim como a ocupação humana que foi sucedendo ao longo dos séculos. Neste capítulo é ainda abordado o conjunto da Penha Longa, onde se dará a conhecer os fundamentos que lhe deram origem, a história e cronologia da sua construção e ainda os seus proprietários. Dentro do conjunto são ainda retratados alguns dos principais elementos construídos como o mosteiro, a igreja e os jardins.

CAPÍTULO II: Programa de Intervenção no Espaço Exterior do Convento da Penha Longa – descreve os objectivos e a estratégia de intervenção, assim como o programa e as técnicas de restauro utilizadas, com base nas Cartas e Convenções Nacionais e Internacionais sobre Património Paisagístico do ICOMOS e da UNESCO. É neste capítulo que se realiza o estudo e a análise do estado de conservação com base numa caracterização inicial do espaço em conjunto com a caracterização actual, resultando num prognóstico preciso sobre a intervenção de casa elemento. É ainda neste capítulo que são expressos alguns aspectos teóricos do restauro e conservação de jardins históricos nomeadamente os princípios utilizados para um programa de intervenção, algumas cartas e convenções internacionais de preservação de jardins históricos como a Carta de Florença, a Carta de Veneza, a Carta de Atenas, a Carta de Burra, as Recomendações para a Salvaguarda da Beleza e Carácter das Paisagens e Sítios, a Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural, e a Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitectónico Europeu que permitiram uma intervenção estudada com base em princípios mundialmente estabelecidos.

CAPÍTULO III: Plano Director de Restauro – Elaboração do Plano Geral e peças técnicas com a proposta de restauro. É neste capítulo que são apresentadas as propostas de restauro nos três jardins em estudo da Quinta da Penha Longa, com base nas cartas da UNESCO e do ICOMOS mencionadas anteriormente. Para cada jardim são foram elaboradas as seguintes peças técnicas:

- O estado actual de cada jardim que define a utilização corrente;
- Plano director de restauro, com as propostas gerais de restauro, recuperação, conservação, preservação, reconstrução, valorização e manutenção dos elementos existentes;
- Plano de plantação, com espécies propostas adaptadas ao local nunca perdendo a identidade do local;
- Planta de pavimentos, com a descrição de todos os trabalhos de recuperação/reconstrução/limpeza de todos os pavimentos existentes ou que fizeram parte do conjunto mas que se foram perdendo ao longo dos anos;
- Cortes e fotomontagens, para uma melhor percepção do espaço;

CONCEITO DE JARDIM HISTÓRICO

Entende-se que os jardins históricos possuem um carácter intemporal e são a expressão do artista, apresentando conceitos diferentes consoante a época e o espírito do seu autor. É possível através do estudo aprofundado de cada jardim perceber a época em que foram realizados, as motivações dos artista e as características inerentes na sua construção. Um jardim está em constante mudança, ao contrário do arquitecto, o arquitecto paisagista nunca vê a sua obra completa, pois as alterações físicas, biológicas dos elementos vivos (vegetação) e temporais estão sempre em constante mudança, sendo que o trabalho final do arquitecto paisagista nunca está concluído.

Por jardim de valor histórico entende-se qualquer “*composição arquitectónica e hortícola, que do ponto de vista histórico ou artístico, tenha interesse para o público e deste modo seja considerado um monumento. Sendo os seus elementos vivos significa que estes necessitam de renovação e manutenção pois são a expressão das relações entre a natureza e o homem, tendo em conta a cultura e a tradição de cada país.*”³

Os Jardins Históricos em Portugal ganharam nas últimas décadas um novo arranque por parte de várias entidades ligadas ao interesse pelos jardins históricos e que proporcionaram o restauro, a reabilitação e a manutenção dos mesmos.⁴

Um jardim histórico é um bem cultural que apresenta valores culturais, socioeconómicos e ambientais que, ao longo de diferentes fases de evolução foram sofrendo transformações e adquirindo novos e dinâmicos significados.⁵

³ In PINHEIRO, João de Deus; *Salvaguarda do Património Arquitectónico Europeu – Jardins de Valor Histórico*. Atenas: Comissão Europeia Direcção-Geral X, 1994, p.2

⁴ Secretaria de Estado do Turismo, *Jardins Históricos de Portugal: Projecto piloto de valorização cultural e turística*, Lisboa, Secretaria de Estado do Turismo, 1995, p. 3

⁵ In MANUAL DE INTERVENÇÃO EM JARDINS HISTÓRICOS, IPHAN Brasil – Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional, p.17

CAPÍTULO I – CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DO CONVENTO E QUINTA DA PENHA LONGA

1. Caracterização da paisagem envolvente

1.1. Sintra como Paisagem Cultural

A candidatura da Serra de Sintra a paisagem cultural surge em 1992, vindo esta a fazer parte do Património Mundial classificado pela UNESCO. A existência de uma pequena cadeia montanhosa granítica coberta de florestas e pontuada por diversos elementos de grande valor histórico e cultural constituiu o ponto fulcral para a classificação. Algumas das personagens nobres que fizeram parte da história de Portugal fixaram-se em Sintra, erguendo imponentes quintas rodeadas de majestosos jardins e parques importantes devido à sua diversidade florística e carregados de simbolismo cultural e histórico. No entanto, Sintra apresentava também um carácter sombrio e calmante propício à fixação de monges e eremitas que nela fundaram grandiosos conventos fazendo deles um importante marco cultural e religioso que perdura até aos dias de hoje.⁶



FIG.1 – Vila Velha de Sintra, Palácio da Vila (<http://espacoememoria.blogspot.pt/2011/11/sintra-as-cidades-patrimonio-mundial-e.html>)



FIG.2 – Sintra classificada Património Mundial em 1992 (<http://cidadaniaix.blogspot.pt/2012/06/unesco-vai-voltar-ao-tua-para-analisar.html>)

A envolvimento entre a natureza e os monumentos que coabitam na paisagem de Sintra torna-a num lugar único de grande autenticidade, difícil de encontrar noutro local em Portugal.

⁶ RIBEIRO, José Cardim (coord); *Sintra Património da Humanidade* – Sintra – Paisagem Cultural, [s.l.]: Camara Municipal de Sintra, 1998, p.11

Desta forma a Serra de Sintra sofreu uma evolução transformando-se numa paisagem cultural de elevado simbolismo e com uma singularidade única, como vamos perceber mais à frente ⁷.

Actualmente e desde 2000, o património cultural de Sintra encontra-se sobre a gestão da sociedade Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A. Esta Sociedade tem por objecto a recuperação, requalificação e revitalização, gestão, exploração e conservação de todas as áreas, nomeadamente os parques e zonas envolventes de Sintra que lhe venham a ser atribuídos, bem como todas as actividades conexas ou afins ao objecto principal. Desde o início da sua actividade o Monte da Lua tem vindo a gerir cada vez mais elementos culturais, sendo que em 2004 inicia a reabilitação da cobertura e das fachadas do Palácio de Monserrate. Em 2007, dá-se uma reorganização da empresa e esta passa a gerir um dos mais imponentes elementos históricos e culturais da Paisagem Cultural de Sintra, o Palácio da Pena. Os Palácios Nacionais de Sintra e de Queluz passam em 2012 a ser geridos pelo PSML, assim como a Escola Portuguesa de Arte Equestre, sediada em Queluz.⁸

A Penha Longa, apesar de distanciada dos principais elementos geridos pelo PSML pode ser considerada um importante elemento histórico e cultural que necessita de uma gestão aprofundada e merece, quer pela sua cronologia histórica, quer pela importância e utilização actual um maior reconhecimento por parte das entidades competentes.

1.2. Análise histórica da Serra de Sintra

Sintra fica situada numa área geográfica privilegiada, por si só, devido às suas colinas encontra-se ainda inserido num espaço urbanístico de onde fazem parte uma série de igrejas, palácios, conventos, quintas senhoriais e edifícios civis de grande valor artístico e histórico.⁹

As quintas mais antigas existentes na Serra de Sintra datam do século XIII, tendo sido construídas depois de a família Real Portuguesa ter escolhido este sítio como residência de Verão. Esta escolha pela paisagem Sintrense deu-se com D. Dinis (1279-1325) tendo mandado construir o Palácio da Vila Velha. Seguindo o exemplo do rei, muitas figuras nobres elegeram Sintra como local de estadia para o Verão tendo originado a construção de muitas outras quintas que fazem hoje parte da cultura histórica do local como já referido. No século XIX, muitos estrangeiros e influenciados por esta admiração que as mais altas classes sociais tinham por Sintra, decidiram também eles erguer as suas Quintas nesta região.¹⁰

⁷ Idem, p.11-15

⁸ Parques de Sintra, Monte da Lua; História [Disponível em www.parquesdesintra.pt].

⁹ SERRÃO, Vítor; *Sintra*. 1ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p.9.

¹⁰ PEREIRA, Artur D.; CARDOSO, Felipa Espírito Santo; CORREIA, Fernando Calado; *Sintra e suas Quintas*, [s.l.]: Edição dos autores, 1983, p.9

Para além das personagens nobres que se fixaram em Sintra, como já foi referido, também alguns artistas escolheram este local para residir e como fonte de inspiração. Neste círculo artístico é fácil encontrar artistas como Eça de Queirós que descrevia Sintra como um local “*sob as suas românticas ramagens, as fidalgas se abandonavam aos braços dos poetas*”¹¹. Esta admiração pela Vila de Sintra, associada ao esplendor do enquadramento natural, faz com que seja um local em que todas as fases históricas estão presentes com elementos de grande qualidade. Da pré-história subsistem ainda vestígios de ocupação humana nomeadamente na praia das Maçãs com destaque para um «tholos». Durante a ocupação romana, perduram até aos dias de hoje restos de vilas e quintas senhorias com importantes elementos arqueológicos. Na época Muçulmana surge, o que é hoje considerado um marco na história de Sintra, o Castelo dos Mouros. É ainda nesta época que se inicia a construção do Paço da Vila, prolongando-se durante a Idade Média, em conjunto com algumas igrejas de estilo gótico. Durante o Renascimento surgem alguns edifícios importantes de construções distintas como é o caso da Penha Verde e do Solar dos Ribafrias, enquanto que durante o Barroco setecentista se erguem inúmeras igrejas, solares e quintas. Passadas estas fases, surge a mais importante da história de Sintra, o Romantismo, época que marcou a Vila de Sintra com a construção do Palácio e Parque da Pena e dos jardins exóticos de Monserrate e Pena. Foi ainda nesta altura que a Vila assiste ao crescimento urbanístico com a edificação de solares.¹²

No entanto, o desenvolvimento da Serra de Sintra deu-se com o reinado de D. Fernando II que aqui veio implementar o romantismo, conjuntura que viria a demarcar a paisagem de Sintra e que encontraria no Palácio da Pena o seu esplendor máximo. Por volta de 1838, D. Fernando adquiria o Convento da Pena e transformara-o num Palácio romântico rodeado por um vasto parque igualmente romântico plantado com espécies arbóreas raras e exóticas, e diversos elementos construídos de influência romântica.¹³

1.3. Localização geográfica

Situada quase no ponto mais ocidental da Europa e a cerca de 20 km a noroeste de Lisboa, eleva-se a Serra de Sintra até 600 metros de altitude, constituindo um dos recantos mais originais e amenos de Portugal.¹⁴

¹¹ SERRÃO, Vítor; *Sintra*. 1ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p.10.

¹² Idem, p.10-12.

¹³ *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XXIX, Lisboa: Editorial Enciclopédia, Lda, 1978, p.205.

¹⁴ In PEREIRA, Artur D.; CARDOSO, Felipa Espírito Santo; CORREIA, Fernando Calado; *Sintra e suas Quintas*, s.l.: Edição dos autores, 1983, p.10

Com uma área de cerca de 328 Km², distribuídos por 12 freguesias: Aigualva-Cacém, Almargem do Bispo, Belas, Colares, Montelavar, Queluz, Rio de Mouro, Sintra (Santa Maria e São Miguel), Sintra (São Martinho), Sintra (São Pedro de Penaferrim), São João das Lampas e Terrugem, a vila de Sintra encontra-se numa das áreas de maior interesse geográfico na região metropolitana de Lisboa ¹⁵. Integrada desde 1982 na Área Protegida Sintra-Cascais, encontra-se dentro de um estatuto jurídico de protecção ambiental que lhe tem permitido a sua preservação da identidade principalmente no âmbito natural da serra.¹⁶

1.4. Análise biofísica

Sendo um concelho com condições ambientais especiais e intrínsecas, sabe-se que este se limita ao litoral, à várzea e à Serra, onde se encontram os melhores microclimas. “*As planícies da charneca e do planalto estão como o mar está para uma ilha, ou serra, ou talvez como o deserto está para um oásis, fazendo de Sintra, por contraste, ainda mais extraordinariamente húmida.*”¹⁷

O jogo de exposições na Serra de Sintra permite que em certos intervalos da paisagem, as árvores se associem, em determinados intervalos de espaço, num emaranhado de ligações que dão um ar de floresta densa fazendo com que as variações de temperatura e humidade não sejam constantes em toda a Serra.¹⁸ A partir deste pressuposto foi necessário realizar uma análise mais detalhada sobre diversos factores biofísicos que transformam a paisagem conferindo-lhe um carácter singular, difícil de encontrar noutra região em Portugal Continental.

1.4.1. Clima

Devido aos nevoeiros, neblinas e nuvens provocadas pelas brisas do mar que por vezes cobrem toda a Serra, Sintra apresenta Verões temperados e frescos característicos do Norte do país.¹⁹ Tem vindo a ser estudado o facto de este lugar ser um fenómeno notável no atlas climático de Portugal, pois é “*frequente os turistas vindos de Lisboa em T-shirts e calções em pleno Verão, se depararem com habitantes vestidos com casacos de malha.*” Este clima tão

¹⁵ Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. XXIX, Lisboa: Editorial Enciclopédia, Lda, 1978, p.199.

¹⁶ SERRÃO, Vítor; Sintra. 1ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p.13.

¹⁷ In SILVA, José Cornélio; LUCKHURST, Gerald; CARDOSO, António Homem; Sintra: Paisagem e suas Quintas, Lisboa: Edições Inapa, 1989, p.10

¹⁸ In HENRIQUES, Pedro Castro; NEVES, Renato; Percursos, Paisagens & Habitats de Portugal, Lisboa: Assírio & Alvim, 2000, p.191

¹⁹ In SILVA, José Cornélio; LUCKHURST, Gerald; CARDOSO, António Homem; Sintra: Paisagem e suas Quintas, Lisboa, Edições Inapa, 1989, p.11

especial é ainda mais notável quando se fala no crescimento e desenvolvimento das plantas que encontram o seu esplendor na Serra.²⁰

1.4.2. Geologia e Geomorfologia

As características de montanha rochosa da Serra de Sintra atraíam os viajantes românticos que se encantavam com as características biofísicas da paisagem:²¹ *“de um lado está o oceano distante, cuja superfície se mistura com o horizonte azul; lá em baixo, o vale profundo assemelha-se a uma caverna majestosa; o aspecto despedaçado dos penhascos nos declives da serra, como se estivessem rasgados aos pedaços e emergindo de todos os lados do solo, ameaçam ao menor toque ruir e destruir a vila.”*²²

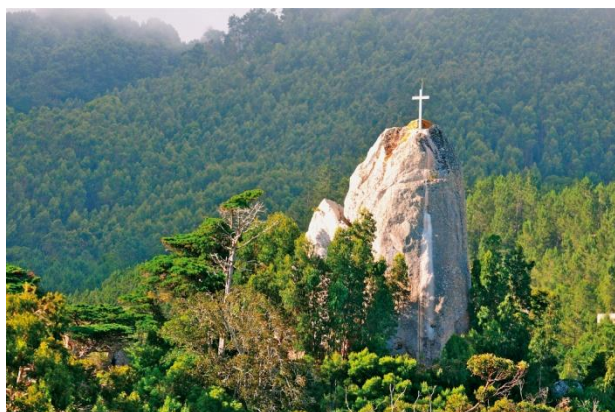


FIG. 3 – Penedo dos ovos situado na Quinta da Penha Longa em Sintra (http://www.gce-agency.com/kunden_bilder_0_penha.html)



FIG. 4 – Interior do Penedo dos ovos (http://www.gce-agency.com/kunden_bilder_0_penha.html)

Entre a Serra de Sintra e Mafra, para Norte, encontra-se o melhor mármore existente no planalto sendo o único que resta da plataforma marítima de calcário. A costa é bastante pitoresca, formada por saliências rochosas misturada com penhascos piramidais, sendo o mais notório aquele que serve o farol.²³

A gruta do Penedo dos Ovos deu origem à região hoje chamada de Penha Longa mas que outrora se denominava por «*Peña Longa*» ou «*Pera Longa*».²⁴ Tal designação provém de uma grande e alta pedra que se levanta emergindo de um grande aglomerado de rochas

²⁰ In SILVA, José Cornélio; LUCKHURST, Gerald; CARDOSO, António Homem; *Sintra: Paisagem e suas Quintas*, Lisboa, Edições Inapa, 1989, p.11

²¹ Idem, p.12

²² Idem, ibidem

²³ Idem, p.11-15

²⁴ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.8

graníticas, junto à entrada da propriedade, no caminho para o mosteiro.²⁵ O Penedo dos Ovos é caracterizado por um enorme penhasco que se encontra num monte no alto do Convento e que segundo a lenda, do qual o nome deriva, “*ocultava um tesouro que pertenceria a quem conseguisse derrubá-lo com ovos. Uma velhota daqueles sítios, foi secretamente juntando a sua provisão de ovos e quando lhe pareceu oportuno, tentou a sua sorte. Ainda hoje, a tradição apregoada pelo povo das redondezas, afirma que os musgos que revestem o penhasco são amarelos pelas gemas de ovos arremessados pela pobre anciã, que não conseguiu os seus intentos.*”²⁶

1.4.3. Solos

Na várzea predominam os solos de aluvião.²⁷ Segundo a Biogeografia de Portugal de José Carlos Costa, o *Superdistrito Sintrano*, classifica-se como uma zona de solos siliciosos de origem granítica e sienítica da Serra de Sintra, incluída num contexto de rochas básicas.²⁸

1.4.4. Fauna e Flora

Sobre Sintra, sabe-se que é uma região coberta de árvores de elevado valor histórico devido à sua idade, parques antigos cobertos de musgo próprio da geografia e clima do local e jardins sombrios. A vegetação consegue reunir o aspecto selvagem da zona ocidental das terras altas da Escócia com a verdura do Sul de França, sendo esta a conjugação que tem atraído cada vez mais turistas. A típica paisagem com grandes árvores e rochas cobertas de musgo juntamente com o exotismo da vegetação leva-nos para o jardim das Hespérides. Em termos arbóreos, são eleitas três árvores preferenciais: o sobreiro, pela sua cor sombria, folhas pequenas e persistentes; o castanheiro devido às flores e frutos espinhosos que ornamental as flores escuras e o abeto pelo seu porte e forma. No entanto é importante dizer que não só estas três árvores fazem da paisagem de Sintra um local único, mas sim a conjugação de todas as outras espécies individuais que vão crescendo entre os penhascos.²⁹

Este território é rico espécies endémicas próprias como a *Armeria pseudarmeria*, *Dianthus cintranus* subsp. *Cintranus* e *Silene cintrana*. Devido à sua situação bioclimática temperada a vegetação em Sintra é bastante rica e diversificada possuindo alguns exemplares de *Quercus robur*, *Acer pseudoplatanus*, *Ilex aquifolium*, *Hypericum androsaemum*, *Polygonatum odoratum*, *Primula vulgaris*, *Trachelium caeruleum*, *Cytisus striatus* var. *ericarpus* e *Ulex*

²⁵ In SOUSA, Tude Martins de; *Mosteiro e Quinta da Penha Longa na Serra de Sintra*, Sintra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1946, p.28

²⁶ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.8

²⁷ Idem, p.15.

²⁸ COSTA, José Carlos [et al.], *Biogeografia de Portugal* [Em linha]. [s.l.]: Quercetea, 1998, ISSN 0874-5250, [Consult. em 15.Abril.2014]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10198/714>.

²⁹ In SILVA, José Cornélio; LUCKHURST, Gerald; CARDOSO, António Homem; *Sintra: Paisagem e suas Quintas*, Lisboa, Edições Inapa, 1989, p.12-13

europaeus subsp. *Lactebracteatus*. Existem ainda outras espécies naturalizadas e diferentes series de vegetação consoante o local geográfico onde se encontram.³⁰

Na Penha Longa, o ambiente é ligeiramente diferente, constituindo um excelente habitat para uma serie de pequenos animais, devido à sua vegetação, linhas de água e por apresentar um microclima muito especial. Destacam-se as garças-reais, bastante abundantes na época de regresso de migração, junto à lagoa verde (Fig.5). A própria lagoa apresenta uma grande quantidade de peixes e é o local escolhido por vários casais de aves marinhas que ao final da tarde regressam ao mar.³¹

A vegetação climácica existente na Quinta da Penha Longa é de carácter mediterrânico-atlântico e parece ter sido outrora dominada por um vasto sobreiral onde os matos primitivos ocupavam um lugar importante.³² Actualmente a paisagem é dominada pelo sobreiro, pela azinheira, pelo carvalho negral e pelo carvalho roble, verificando-se nas zonas circundantes ao Mosteiro alguns pinheiros mansos, com excepção das zonas junto à entrada da Quinta, onde existem uma série de espécies exóticas (Fig. 6, 7, 8).³³

Nas zonas em que a vegetação arbórea é escassa, predomina a vegetação espontânea como o folhado, o medronheiro, o alecrim e o rosmaninho que faziam também parte das flores aromáticas cultivadas nos jardins.³⁴



FIG. 5 – Lagoa Verde (autora)

³⁰ COSTA, José Carlos [et al.], *Biogeografia de Portugal* [Em linha]. [s.l.]: Quercetea, 1998, ISSN 0874-5250, [Consult. em 15.Abril.2014]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10198/714>.

³¹ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.39

³² Idem, p.40

³³ Idem, p.43

³⁴ Idem, p.46



FIG.6 – Oliveiras (autora)



FIG.7 - Lentisco (autora)



FIG.8 – Pinheiro-Manso (autora)

1.5. Ocupação humana

A ocupação humana na Serra de Sintra deu-se de forma precoce e continua desde há vários milénios, sendo apontados como razão a fertilidade das terras depositadas nas várzeas circundantes, a proximidade ao estuário do Tejo e a proximidade, embora que mais recente, a Lisboa, cidade urbana e capital de várias trocas comerciais.³⁵ O processo de organização da sociedade denominado de romanização não se verificou unicamente a partir da fixação romana, mas antecipou-se através dos contactos comerciais existentes. As relações com grandes portos do Mediterrâneo, cuja expressão se encontrava normalizada e por assim dizer romanizada, provocou a importação de usos e práticas que vieram facilitar a romanização oficial e que se atribui ao período da fortificação de Olissipo. São conhecidas vilas romanas na região de Lisboa e em particular distribuídas pelo planalto a Norte da Serra de Sintra. Mais tarde, a ocupação muçulmana foi responsável pela fixação definitiva de grandes centros populacionais e de mercado, que beneficiaram de fortificações, levantando a qualidade urbana, até em termos paisagísticos ao recuperarem a arte dos jardins, perdida desde a romanidade.³⁶

³⁵ in CARDIM RIBEIRO, José; *Sintra Património da Humanidade – Sintra – Paisagem Cultural*, s.l., Camara Municipal de Sintra, 1998, p.21

³⁶ In SILVA, José Cornélio; LUCKHURST, Gerald; CARDOSO, António Homem; *Sintra: Paisagem e suas Quintas*, Lisboa, Edições Inapa, 1989, p.18-19



FIG.9 – Castelo dos Mouros na Serra de Sintra (<http://arteem toda a parte.wordpress.com/2011/09/22/o-castelo-dos-mouros/>)



FIG.10 – Uma das várias estradas existentes na Serra de Sintra (http://www.cafeportugal.net/pages/sitios_artigo.aspx?id=5269)

No entanto a história da ocupação humana na Penha Longa vem de há milhares de anos, altura em que os povoados pré-históricos, favorecidos pela posição em altura, pelo ambiente privilegiado e pela abundância de água e caça, escolheram a gruta do Penedo dos Ovos para se abrigarem. No cimo deste penhasco, já na altura da Idade Média, era feita uma fogueira para anunciar a proximidade da terra aos navegantes.³⁷ Mais tarde, deu-se a ocupação feita pelos monges que pode ser explicada pelo espírito do lugar que desde cedo os seduziu devido às características biofísicas da Serra de Sintra. A paisagem invulgar de relevo acentuado que termina junto ao mar demonstra encostas que se misturam frequentemente com a neblina criando um clima de mistério e obscuro que tanto os seguidores da vida eremítica procuravam.³⁸ A imagem de São Jerónimo ajoelhado em oração junto a um penedo (Fig.11) foi outra das razões da sua escolha pois era o que mais se aproximava da imagem iconográfica que os monges tinham dele, tendo colocado no cimo uma cruz que lhe conferiu a dimensão espiritual de santuário.³⁹



FIG.11 – Imagem de São Jerónimo em oração de Rembrandt, 1632 (<http://vejasp.abril.com.br/materia/masp-gravura-escultura>)

³⁷ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.10

³⁸ Idem, p.8

³⁹ Idem, p.10



FIG.12 – Convento da Penha Longa (Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa)

Com a construção do Mosteiro, no século XV, surge a necessidade de aumentar a propriedade através da aquisição dos terrenos adjacentes. Assim, dez anos após a escritura de compra da Quinta, o convento requer ao Infante D. Pedro a doação de uns terrenos que haviam sido prometidos por D. João I. Por volta de 1439, D. Pedro dá ordens para que seja demarcado o limite da propriedade, definindo multas para quem invadissem estas terras. Os monges ergueram no lugar destes limites territoriais muros em pedra, com os donativos feitos pelos fiéis, que fizessem a separação da propriedade monacal, levando a cabo a importante tarefa de arroteamento das terras, transformando-as em fonte de riqueza e sustento comunitário.

O quotidiano no convento vivia das relações entre o homem e a natureza, sempre assente na vida religiosa. A oração litúrgica e individual marcava a rotina diária, bem como a frequência dos sacramentos, os jejuns e abstinência de carne, as penitências, o silêncio e o recolhimento, a leitura, o estudo da gramática, da moral e da música sacra⁴⁰ que conjugavam com as orações e as actividades do sustento comunitário.⁴¹ *“As matinas, iniciavam-se diariamente à meia-noite e, após um breve descanso, ao romper as auroras, recitava-se a prima. O dia continuava rotineiro e antes da missa conventual rezava-se a terça e depois desta, a sexta. Por volta da hora de almoço recitava-se a noa e a meio da tarde as vésperas.”*⁴²

Após o pôr-do-sol, os monges abandonavam o trabalho no campo e faziam uma oração. Depois da meditação retiravam-se para as suas celas onde oravam ou estudavam, para novamente à meia-noite se iniciar o novo ciclo. Com uma vida dedicada ao Convento, os monges pouco se relacionavam com o mundo exterior, pelo que deveriam evitar receber ou enviar cartas, assim como sair do Convento. A cada monge era atribuída uma ocupação conforme a sua preferência dentro da propriedade, desde *“tocar e cantar, erguer muros, semear e vigiar as colheitas, pregar no púlpito ou cuidar dos jardins.”*⁴³

Com os anos a propriedade foi ganhando pequenas construções como fornos de pão e cal, azenhas, pedreiras e um engenhoso sistema hidráulico de captação e distribuição de água que descia pelas vertentes da serra, e que veio facilitar a actividade rural. Dentro do recinto murado, existiam searas e vinhas que representavam a economia de auto-subsistência da Idade Média. As searas tiveram, em determinadas épocas, bastante produção cerealífera e para isso eram necessários vários engenhos de moagem que existiam ao longo da ribeira da Penha Longa. As azenhas por volta de 1525, já faziam parte da propriedade e representavam

⁴⁰ Anon., *Ordem de S. Jerónimo*. Mosteiro dos Jerónimos [Em linha] [Consult. 20.Janeiro.2013]; Disponível em <http://www.mosteirojeronimos.pt/pt/index.php>

⁴¹ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.43

⁴² In SILVA, *Op. Cit.* 1999, p.43

⁴³ Idem, p.44

uma importante fonte de rendimentos para os frades. A abundância de água proveniente da Serra foi determinante para a fixação do mosteiro, que dispensou a construção de uma cisterna dentro do edifício. Envoltos num ambiente excepcional, os monges apenas receavam o fogo, que poderia incendiar toda a Serra de Sintra, e a água, devido à cheia que causara inúmeros prejuízos em 1627.⁴⁴

A criação de gado foi também uma aposta dos religiosos, que criaram terras de pasto e construíram edifícios rurais para resguardo dos animais. As árvores de cultivo pontuavam a paisagem com predominância do olival e das nogueiras junto às linhas de água. Recolhiam madeira, lenha, cortiça e frutos silvestres para consumo.⁴⁵

⁴⁴ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.45-46

⁴⁵ Idem, p.46

2. Análise Histórica do Convento da Penha Longa

2.1. Ordem de São Jerónimo

Nascido em Estridon, na fronteira da Dálmacia (actual Croácia) entre os anos de 340 e 342 d.c., Sofrónio Eusébio Jerónimo teve uma educação cristã proveniente da crença de seus pais, senhores de algumas posses que tentaram dar-lhe uma educação de excelência, encaminhando-o para Roma, em 354, para se instruir com o famoso gramático Donato e com Vitorino, mestre da retórica e orador ⁴⁶

Falava e escrevia fluentemente latim, grego e hebraico e tendo optado pela vida de sacerdócio entregou-se a uma vida de penitência, de renúncia e de virtude. Terá ainda ponderado outra vida com as leituras de Cícero, Quintiliano e Platão, no entanto repudiou-as para se dedicar inteiramente às leituras sagradas.⁴⁷

Com o seu irmão, terá realizado imensas viagens para aumentar e aperfeiçoar, no convívio com os sábios, os conhecimentos que já possuía, acabando por se entregar ao isolamento num deserto na província de Calcídia juntamente com três amigos. Dois deles terão morrido, e outro ido para Roma, ao que São Jerónimo que ali passara quatro anos, se terá refugiado em Jerusalém, onde solitariamente terá vivido para se fixar mais tarde em Belém, sitio da sua predilecção, e para onde transferiu a sua rica biblioteca. Fez passagem em Antioquia, onde o bispo Paulino o ordenou de simples padre, ou também ao mesmo tempo, de cardeal para novamente voltar a Belém onde durante três anos de vida e contemplação se entregou ao estudo das Escrituras Sagradas. Após mais algumas viagens, regressa ao seu sítio predilecto para fundar dois mosteiros, um para homens e outro para mulheres.⁴⁸

Traduziu do hebraico para latim todos os livros do Velho Testamento e corrigiu o Novo Testamento sobre a versão grega. Orador de grande eloquência, combateu afincadamente todas as doutrinas contrárias à sua, tendo isto originado um ataque aos mosteiros de Belém, provocando a morte a várias pessoas mas escapando com vida São Jerónimo. Este acontecimento não o impediu de continuar no seu ministério, até que, após muitos jejuns, enfermidades e penitências, acabou por falecer no dia 30 de Setembro de 419 ou 420, com idade avançada, sendo o corpo praticamente esquelético sepultado no seu convento de Belém e transferido mais tarde para a igreja de Santa Maria Maior em Roma.⁴⁹

⁴⁶ In ALMEIDA, Isabel Cruz (coord.); *S. Jerónimo no Mosteiro de Belém*. Lisboa: Livraria escolar editora, 1997, p.7

⁴⁷ In SOUSA, Tude Martins de; *Mosteiro e Quinta da Penha Longa na Serra de Sintra*, Sintra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1946, p.15

⁴⁸ In SOUSA, Tude Martins de; *op. cit.*, p.16

⁴⁹ In ALMEIDA, Isabel Cruz (coord.); *op. cit.*, p.8

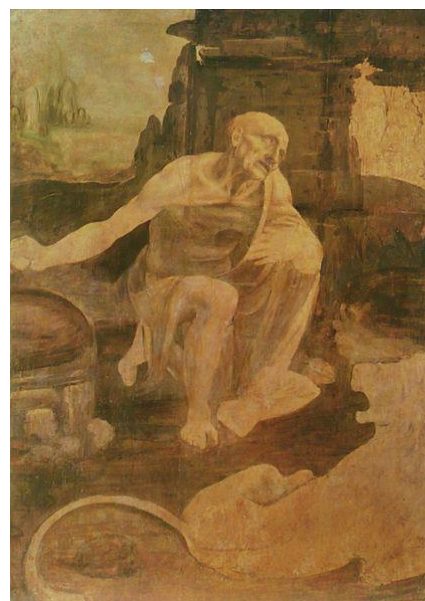
Pela sua santidade, virtude, desprendimento e pelo seu saber, São Jerónimo foi desde sempre considerado um dos quatro maiores e mais notáveis doutores da igreja, vindo mesmo a ocupar na devoção geral um lugar proeminente e ainda persistente.⁵⁰

Após a sua morte, foram diminuindo o número de institutos que haviam sido fundados sobre as suas regras, sendo a dada altura, existir apenas o mosteiro do Santo Sepulcro, de Fiesoli em Florença. Nem mesmo o da Palestina, onde vivera, terá resistido. Terá sido aqui que se recolheu o Padre português Vasco Martins que, devoto de São Jerónimo iria fundar em Portugal o Mosteiro da Penha Longa.⁵¹

O movimento eremítico inspirado em S. Jerónimo surge deste modo pela primeira vez, em Itália no século XIV, espalhando-se pelo resto da Europa durante o início do século seguinte.⁵²

2.2. História do convento e seus proprietários

O fenómeno eremítico teve origem na Antiguidade Cristã, no entanto durante épocas foi tendo alturas de grande devoção, como é o caso de Itália no século XIV. Foi nesta altura que surge a imagem de São Jerónimo no deserto de Calcis ou deambulando entre Roma e a Palestina⁵³ como ideal de inspiração. Surgem então várias famílias religiosas e comunidades de acabam por se fundir com estes núcleos de eremitas, nomeadamente a dos frades eremitas de S. Jerónimo, fundada por Pedro Gambacorta, de Pisa e a congregação dos eremitas de S. Jerónimo fundada em 1360 em Fiesole por Carlos de Montegraneli. A ordem de



S. Jerónimo em Espanha e em Portugal surge assim a partir dos meios eremíticos italianos em meados do século XIV⁵⁴.

FIG.13 - São Jerónimo no deserto, Leonardo Da Vinci, 1480, Museu do Vaticano, Vaticano

⁵⁰ In SOUSA, Tude Martins de; *op. cit.*, p.18

⁵¹ Idem, p.23

⁵² Anon., *Ordem de S. Jerónimo*. Mosteiro dos Jerónimos [Em linha] [Consul. 20.Janeiro.2013] Disponível em <http://www.mosteirojeronimos.pt/pt/index.php>.

⁵³ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.6

⁵⁴ In DIAS DOS SANTOS, Cândido; *Os Monges de S. Jerónimo em Portugal na época do Renascimento*, 1ª ed. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1984, p.6

Dentro destes núcleos de eremitas, destaca-se Tommasuccio que teve vários discípulos sendo que um deles de origem portuguesa foi o responsável pela introdução na Penha Longa dos fundamentos da Ordem. Vasco Martins, natural de Leiria, alista-se no discipulado de Tommasuccio por volta de 1321, aquando de uma peregrinação a Roma, regressando a Portugal em 1353⁵⁵ e sendo



FIG.14 – Mosteiro da Penha Longa
(<http://www.alqueydam.com/arquivo/343>)

recebido pelo rei D. Afonso IV, que o incentivou a introduzir os fundamentos da ordem de São Jerónimo em Portugal. Procurando então o local mais apropriado, acaba por se encantar com o vale da Penha Longa,⁵⁶ sendo feita a escritura da quinta da Penha Longa em 1390.⁵⁷ Em 1389 o papa Bonifácio IX emite uma Bula que cria a Ordem de São Jerónimo em Portugal separada da Província espanhola.⁵⁸

Relativamente ao que levou Frei Vasco, homem devoto a Deus e de espiritualidade franciscana e augustiniana, a comprar a quinta da Penha Longa, presume-se que terá sido com o intuito de construção de um mosteiro, sendo autorizada no dia 1 de Abril de 1400 pelo papa Bonifácio IX⁵⁹ a construção do Mosteiro Jerónimo da Penha Longa, sobre a direcção do mestre Gil de Sousa, arquitecto do rei⁶⁰ e que se tornou a primeira casa e sede desta ordem em Portugal nomeando seu Prior Frei Fernando.⁶¹ No entanto, apesar desta determinação, Frei Vasco tem sido considerado tradicionalmente, como o fundador dos Jerónimos em Portugal e o primeiro Prior da Penha Longa. Presume-se que no local onde foi edificado o Mosteiro da Penha Longa já existisse uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Piedade.⁶²

Com a fundação dos primeiros mosteiros, observa-se uma mudança do género de vida, em que da vida eremítica sem regras passa-se à vida cenobítica em que passa a existir regras e onde um superior passa a ser a figura a quem se deve obedecer. Esta passagem deve-se ao

⁵⁵ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.6

⁵⁶ In SOUSA, Tude Martins de; *Mosteiro e Quinta da Penha Longa na Serra de Sintra*, Sintra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1946, p.24

⁵⁷ In DIAS DOS SANTOS, Cândido; *Os Monges de S. Jerónimo em Portugal na época do Renascimento*, 1ª ed. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1984, p.7

⁵⁸ **Convento da Penha Longa** [Em linha]; Arquivo Nacional do Forte de Sacavém, IPA: 00003054, 27 de Julho de 2011; [Consult. 4.Out.2012]. Disponível na Internet: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3054.

⁵⁹ In DIAS DOS SANTOS, Cândido; *Os Monges de S. Jerónimo em Portugal na época do Renascimento*, 1ª ed. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1984, p.14

⁶⁰ In SOUSA, Tude Martins de; *Mosteiro e Quinta da Penha Longa na Serra de Sintra*, Sintra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1946, p.29

⁶¹ **Convento da Penha Longa** [Em linha]; Arquivo Nacional do Forte de Sacavém, IPA: 00003054, 27 de Julho de 2011; [Consult. 4.Out.2012]. Disponível na Internet: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3054.

⁶² **Mosteiro de São Jerónimo de Penha Longa** [Em linha]; Arquivo Nacional da Torre do Tombo, [Consult. 4.Out.2012]. Disponível na Internet: <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4380973>.

facto de alguns eremitas cometerem excessos que as autoridades eclesiásticas tentaram suprimir.⁶³

Surgiram assim outros conventos fundados posteriormente, nomeadamente o Convento de São Marcos (1451), no termo de Coimbra e o Convento de Nossa Senhora do Espinheiro (1457) perto de Évora. Já no reinado de D. Manuel I e devido ao facto de a Ordem desde sempre estar ligada ao registo monarca, existiu a ideia de edificar mais doze conventos. De facto alguns chegaram a obter autorização papal e na primeira metade do século XVI foram fundados os mosteiros de Santa Maria de Belém em Lisboa, Nossa Senhora da Pena em Sintra, Berlengas em Peniche que terá sido substituído pelo de Valbenfeito em Óbidos, Santa Marinha da Costa em Guimarães e um Colégio Universitário em Coimbra.⁶⁴



FIG.15 – Mosteiro da Penha Longa (in: CARDOSO, Felipa Espírito Santo. 1983, *Sintra e suas Quintas*. Sintra: Edição de autores)

No século XV, D. Isabel, Duquesa de Borgonha, inicia a construção do Convento da Penha Longa utilizando verbas disponibilizadas por D. João I, seu pai, que em 1423 escreve uma carta isentando o mosteiro de qualquer pagamento.⁶⁵ Após a sua construção é atribuído ao bispo diocesano a alçada do convento, no entanto a partir de 1448, D. Afonso V e o Infante D. Pedro pedem a Nicolau V que aprove uma bula na qual o mosteiro passasse a depender directamente da Santa Sé, assumindo funções de cabeça da Ordem de São Jerónimo em Portugal⁶⁶ e sendo Frei João de Santa Maria, Prior de Penha Longa, o Geral dos mosteiros da

⁶³ In DIAS DOS SANTOS, Cândido; *Os Monges de S. Jerónimo em Portugal na época do Renascimento*, 1ª ed. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1984, p.14

⁶⁴ In ALMEIDA, Isabel Cruz (coord.); *S. Jerónimo no Mosteiro de Belém*. Lisboa: Livraria escolar editora, 1997, p.5

⁶⁵ **Convento da Penha Longa** [Em linha]; Arquivo Nacional do Forte de Sacavém, IPA: 00003054, 27 de Julho de 2011; [Consult. 4.Out.2012]. Disponível na Internet: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3054.

⁶⁶ **Mosteiro de São Jerónimo de Penha Longa** [Em linha]; Arquivo Nacional da Torre do Tombo, [Consult. 4.Out.2012]. Disponível na Internet: <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4380973>.

Ordem em Portugal.⁶⁷ Nesta mesma bula, Nicolau V concede aos mosteiros jerónimos portugueses todos os privilégios que tinham as casas de Castela.⁶⁸



FIG.16 – Claustro do Mosteiro de Santa Maria de Belém, no início do século XIX, Litografia “Le Portugal Pittoresque et Architectural” by William Barclay (Museu da Cidade, Lisboa)



FIG.17 – Mosteiro da Penha Longa (<http://sapoencia.blogs.sapo.pt/426443.html>)

Em 1517, aquando da morte da rainha D. Maria, é emitida uma bula pelo Papa Leão X transferindo a sede da Ordem de São Jerónimo em Portugal, até então mantida no Convento da Penha Longa, para o mosteiro de Santa Maria de Belém (FIG. 16).⁶⁹ Neste mesmo ano, a 7 de Abril, D. Manuel I faz o seu testamento no Mosteiro da Penha Longa,⁷⁰ deixando-lhe 30.000 reais. A Penha Longa foi o local de retiro, onde o rei se recolheu juntamente com a sua filha D. Beatriz aquando da morte da rainha.⁷¹ Dois anos mais tarde manda construir as denominadas “hospedarias” ou “paços reais”,⁷² situados do lado esquerdo do grande pátio quadrangular da entrada, onde se desenrola o Jardim das Damas, cujas celas, dispostas numa só correnteza, apresentavam janelas de cantaria com grades de ferro.⁷³ Em 1535, torna-se a sede de um colégio, criado por D. João III, que tem como objectivo o mantimento de religiosos e o pagamento do salário dos mestres. Dois anos depois o colégio é transferido

⁶⁷ **Convento da Penha Longa** [Em linha]; Arquivo Nacional do Forte de Sacavém, IPA: 00003054, 27 de Julho de 2011; [Consult. 4.Out.2012]. Disponível na Internet: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3054.

⁶⁸ **Mosteiro de são Jerónimo de Penha Longa** [Em linha]; Arquivo Nacional da Torre do Tombo, [Consult. 4.Out.2012]. Disponível na Internet: <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4380973>.

⁶⁹ **Convento da Penha Longa** [Em linha]; Arquivo Nacional do Forte de Sacavém, IPA: 00003054, 27 de Julho de 2011; [Consult. 4.Out.2012]. Disponível na Internet: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3054.

⁷⁰ **Mosteiro de são Jerónimo de Penha Longa** [Em linha]; Arquivo Nacional da Torre do Tombo, [Consult. 4.Out.2012]. Disponível na Internet: <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4380973>.

⁷¹ In SOUSA, Tude Martins de; *Mosteiro e Quinta da Penha Longa na Serra de Sintra*, Sintra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1946, p.30

⁷² **Convento da Penha Longa** [Em linha]; Arquivo Nacional do Forte de Sacavém, IPA: 00003054, 27 de Julho de 2011; [Consult. 4.Out.2012]. Disponível na Internet: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3054.

⁷³ In SOUSA, Tude Martins de; *Mosteiro e Quinta da Penha Longa na Serra de Sintra*, Sintra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1946, p.30

para Guimarães, para o Mosteiro de Santa Marinha por conveniência dos estudos de D. Duarte, filho de D. João III.⁷⁴

A construção do Convento vai sendo progressiva, depois das “hospedarias”, em 1540, D. João III impulsiona as obras no claustro e no jardim, recolhendo-se no Convento três anos depois após a morte do príncipe D. Filipe, para anos mais tarde, na segunda metade do século XVI, D. Sebastião nomear o mestre João Luís para as obras no Mosteiro prosseguindo com algumas obras de reforma e construção de novos edifícios necessários à comunidade.⁷⁵

Em 1576, o Cardeal D. Henrique remodela o Refeitório e cria o chamado Jardim do Cardeal, este que viria a ser o último rei a fazer do Convento a sua residência oficial. Anos mais tarde, por volta de 1620 o Prior do Mosteiro requer à Coroa fundos para a remodelação das casas, das hospedarias e das fontes, que viria a ser novamente chamada para contribuir com dinheiro para a reparação dos estragos provocados, sete anos depois, por uma inundação que atingira sobretudo as dependências conventuais e a cerca.⁷⁶

A partir dos finais do século XVII iniciam-se uma série de melhoramentos no Convento com início nas obras de beneficência e reparação das hospedarias promovidas por D. Pedro II, passando pela feitura do retábulo-mor, desenhado por João Nunes Tinoco já no século XVIII e pela reconstrução de várias estruturas de fresco e lazer, promovidas por D. João V aquando de uma visita ao Convento. Em 1755, dá-se nova reparação do Convento como consequência do terramoto de Lisboa.⁷⁷

Em 1834, Joaquim António de Aguiar, Ministro e Secretário de Estado, extingue todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e casas de religiosos de todas as ordens religiosas, no âmbito da Reforma geral eclesiástica, tomando posse o Juiz de Fora e do Cível de Sintra, acompanhado por um fiscal,⁷⁸ do Convento da Penha Longa e incorporando o mosteiro, as casas das hospedarias, as casas, as azenhas, a cerca, as terras, o gado e mais alguns bens⁷⁹ nos próprios da Fazenda Nacional.⁸⁰

⁷⁴ **Mosteiro de São Jerónimo de Penha Longa** [Em linha]; Arquivo Nacional da Torre do Tombo, [Consult. 4.Out.2012]. Disponível na Internet: <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4380973>.

⁷⁵ **Convento da Penha Longa** [Em linha]; Arquivo Nacional do Forte de Sacavém, IPA: 00003054, 27 de Julho de 2011; [Consult. 4.Out.2012]. Disponível na Internet: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3054.

⁷⁶ **Convento da Penha Longa** [Em linha]; Arquivo Nacional do Forte de Sacavém, IPA: 00003054, 27 de Julho de 2011; [Consult. 4.Out.2012]. Disponível na Internet: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3054.

⁷⁷ **Convento da Penha Longa** [Em linha]; Arquivo Nacional do Forte de Sacavém, IPA: 00003054, 27 de Julho de 2011; [Consult. 4.Out.2012]. Disponível na Internet: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3054.

⁷⁸ **Convento da Penha Longa** [Em linha]; Arquivo Nacional do Forte de Sacavém, IPA: 00003054, 27 de Julho de 2011; [Consult. 4.Out.2012]. Disponível na Internet: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3054.

⁷⁹ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.59

⁸⁰ **Mosteiro de São Jerónimo de Penha Longa** [Em linha]; Arquivo Nacional da Torre do Tombo, [Consult. 4.Out.2012]. Disponível na Internet: <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4380973>.

Um ano depois da extinção das ordens religiosas é tornada pública a decisão de venda do Convento e dos seus bens à excepção da Igreja por se considerar que esta continha objectos de arte notáveis. Em 1836, a 13 de Abril a propriedade é arrematada em hasta pública por João Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun, 1º conde, Marquês e Duque de Saldanha por 21 mil reis.⁸¹ O Marechal, apaixonado pelo espírito romântico e com um especial apreço pelas construções medievais, decidiu salvar as peças manuelinas do mosteiro, conservando-as.⁸² Seis anos depois a propriedade passa para a posse da firma C.D. & A.H. Lindenberg que consegue com que o Estado lhe venda a Igreja e o Convento. Novamente seis anos mais tarde a propriedade é comprada em hasta pública pela firma Bessones e Barbosa, que inicia diversas obras, nomeadamente na Igreja. Em 1879, Sebastião Pinto Leite, visconde da Gandarinha e mais tarde conde de Penha Longa, arremata o Convento hipotecado desde 1873, transformando toda a propriedade numa exploração agro-pecuária. Em 1905, a propriedade é adquirida pelo Dr. Luís Soromenho até meados dos anos 40 do século XX para em 1963 o Convento entrar na posse do Dr. Francisco Correia de Campos.⁸³ Em 1987 a propriedade é vendida à empresa japonesa *Aoki Corporation* que irá fundar o complexo turístico actualmente existente.⁸⁴ Por volta de 1863, Vilhena de Barbosa predestina o projecto turístico da Quinta da Penha Longa, dizendo que aquele era o lugar ideal para a construção de um hotel de luxo e vivendas. Com esta herança patrimonial, e inserido num Parque Natural de elevada protecção paisagística, o empreendimento turístico da Penha Longa, beneficia de uma dualidade entre a serra e o mar, devido à proximidade das praias do concelho de Cascais e aos encantos românticos da Serra de Sintra. “*Misturado com a natureza espontânea de uma paisagem carregada de cultura e cor, a existência de uma mata milenária de grande pureza florística e equilíbrio ecológico e da lagoa verde junto à entrada da propriedade são o espaço ideal para a construção de um magnífico empreendimento*”⁸⁵.

Na zona florestal, existem ainda circuitos de manutenção para percorrer a pé ou de bicicleta, com a existência de percursos alternativos. A construção de dois campos de golf, desenhados por Robert Trent Jr. é outro ponto de atractividade deste empreendimento (Fig.19). O primeiro campo é composto por 18 buracos e foi inaugurado em Maio de 1992, tendo sido escolhido para acolher uma festa relacionada com o golf em 1994 e 1995. O segundo campo é

⁸¹ **Convento da Penha Longa** [Em linha]; Arquivo Nacional do Forte de Sacavém, IPA: 00003054, 27 de Julho de 2011; [Consult. 4.Out.2012]. Disponível na Internet: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3054.

⁸² In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.59

⁸³ **Convento da Penha Longa** [Em linha]; Arquivo Nacional do Forte de Sacavém, IPA: 00003054, 27 de Julho de 2011; [Consult. 4.Out.2012]. Disponível na Internet: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3054.

⁸⁴ Nota bibliográfica 117 In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999

⁸⁵ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.61

composto por 9 buracos e foi inaugurado em Junho de 1995. O edifício do clube, foi inaugurado nas antigas cavaleriças edificadas no tempo da Condessa da Penha Longa ⁸⁶.

O Cesar Park Penha Longa Golf & Resort constitui-se como o centro do empreendimento, desde 10 de Novembro de 1993, contemplado com 5 estrelas e com uma excelente vista sobre o Palácio, os Jardins, o Golfe e a Reserva Natural. O Hotel é actualmente gerido pela *Aoki-Cesar Park Hotels Europe* e é filiado na *Leading Hotels of the World* e foi o pioneiro na implementação de um conceito de acolhimento muito personalizado (Fig.18) ⁸⁷.



FIG.18 – Empreendimento na Penha Longa
(<http://www.portugalvirtual.pt/penha.longa/>)



FIG.19 – Golfe da Penha Longa
(<http://uppgolf.blogspot.pt/2010/02/54-estoril-open-de-portugal-na-penha.html>)

⁸⁶ Idem, p.66-67

⁸⁷ Idem, p.70-71

3. Estrutura do Convento da Penha Longa

3.1. Mosteiro

As hospedarias, mandadas construir no início do século XVI por D. Manuel I, serviam para acolher a corte, príncipes e visitantes ilustres (Fig.20). A necessidade de construção deste espaço de dormitório, prende-se com o facto de reis e infantas, atraídos pelo ambiente idílico, pela caça ou simplesmente para apreciar os diversos espaços de lazer, fazerem da Penha Longa local de estadia por vezes por largos períodos de tempo. Reformado por D. Pedro II que alterou o seu traçado primitivo, assim como as modificações realizadas no século XIX, o edifício desenvolvia-se segundo um único eixo, ao longo do qual, surgiam as salas para posteriormente serem introduzidas outras alterações como é o caso das dependências para apoio às caçadas, nomeadamente as cavalariças que outrora serviram de abrigo a mais de 100 cavalos.⁸⁸ Como já referido, foram várias as obras que ao longo do tempo modificaram o traçado e as proporções originais do mosteiro. Foi no reinado de D. Afonso V (1438-1481) que foram feitas algumas obras a cargo do arquitecto régio Mestre Gil de Sousa, no entanto, este facto não pode ser comprovado pois não existe até agora nenhuma fonte documental, nem estrutural do próprio edifício.⁸⁹

Foi durante o reinado de D. Manuel I (1495-1521), que o convento da Penha Longa viu serem realizadas obras com maior dimensão (Fig.21), daí que o manuelino se encontre marcado na arquitectura, como vem sendo hábito observar em edifícios Jerónimos, e que demonstra a grandeza da expansão e dos descobrimentos marítimos realizados na altura.⁹⁰ No entanto, por volta de 1503 a 1511 e em 1519, foram realizadas obras na nave da igreja, no refeitório, na sacristia e na entrada conventual de conjuntura manuelina, acabando as duas primeiras por desaparecer após o terramoto de 1755.⁹¹



FIG.20 – Hospedarias, vista a partir do Jardim do Cardeal (autores)



FIG.21 – Conjunto da Penha Longa, vista aérea (<http://sapoencia.blogs.sapo.pt/426443.html>)

⁸⁸ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.12

⁸⁹ Idem, p.13

⁹⁰ Idem, p.14

⁹¹ In SOUSA, Tude Martins de; *Mosteiro e Quinta da Penha Longa na Serra de Sintra*, Sintra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1946, p.33

A entrada principal do mosteiro fazia-se por um pórtico manuelino, baixo e com uma coluna ao meio, para um pequeno átrio em cujo tecto se vê a coroa de D. Manuel e ao fundo se abrem duas portas que dão acesso à entrada para o claustro de baixo e para um pequeno patamar, de onde saem dois lanços de escadas, ambos com faixas de azulejos dos dois lados e a data de 1660 em cima.⁹²

Outro lugar de grande importância na época era o pasmatório, local onde os monges se dirigiam para descansar após as refeições que faziam no refeitório da comunidade religiosa. Este local era marcado por um portal de entrada do estilo manuelino para uma sala que antigamente possuía bancos em pedra e era revestida com azulejos alusivos à caça. O refeitório situava-se junto ao pasmatório e a entrada era feita pelo claustro interior do mosteiro através de um portal manuelino.⁹³ As paredes eram forradas de azulejos, representando frutas e flores, e havia o habitual púlpito para leituras feitas por um frade, enquanto os restantes comiam. Estes azulejos, porém acabaram por desaparecer, assim como muitíssimos outros de várias dependências mas de que ainda hoje se encontram vestígios, sendo substituídos por estuques vulgares, sem grande valor. Felizmente foi salvo na parede do fundo, um grande painel de azulejos representando a cena bíblica da multiplicação dos pães e dos peixes no deserto (Fig..22).⁹⁴ O mobiliário era bastante simples, composto por sete mesas e bancos corridos, ficando em 1755 danificado devido ao terramoto, mas reconstruído, embora que com muitas alterações, durante o século XVIII. Após esta reconstrução é possível, ainda hoje, observar uma decoração do estilo romântico tardio presente nas paredes e uma abóbada de berço construída no piso superior que antigamente serviria de dormitório aos noviços.⁹⁵

A cozinha, situada junto ao refeitório, possuía duas entradas, uma com acesso ao claustro e outra de ligação directa ao refeitório (Fig.23). Em termos de construção, embora com alterações, conserva ainda a estrutura e organização do espaço iniciais. A sacristia, de ligação directa com a igreja, possuía duas salas, sendo a única que conserva vestígios manuelinos, pois não ruiu completamente aquando do terramoto. No entanto, a primeira sala encontra-se hoje, bastante danificada devido ao arranque de um dos seus portais e dos azulejos que revestiam todos os adereços existentes.⁹⁶

⁹² Idem, ibidem

⁹³ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.14

⁹⁴ In SOUSA, Tude Martins de; *Mosteiro e Quinta da Penha Longa na Serra de Sintra*, Sintra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1946, p.35

⁹⁵ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.14

⁹⁶ Idem, p.16



FIG.22 – Grande painel presente no antigo Refeitório (autores)



FIG.23 – Cozinha (autores)

Uma mistura de estilos é o que caracteriza esteticamente o Mosteiro da Penha Longa. Com as principais construções já realizadas, surge a organização formal do espaço. Por volta de 1540, com a construção do claustro interior, alcançou-se uma coerência, conseguida através da articulação funcional dos diversos espaços comunitários, bem como da finalização das obras na igreja com a construção da capela-mor. Após o terramoto, durante a reconstrução e ampliação da nave da igreja, foi retirado o lanço do claustro a Norte. A estrutura do Convento assemelha-se à organização dos mosteiros da Ordem de Cister. Funcionalmente a capela-mor e a sacristia encontram-se orientadas a Nascente, o refeitório a Sul e os edifícios laicos a Poente, enquanto que a nível estrutural a nave da igreja se encontra justaposta a Norte do claustro, a cozinha numa das extremidades e o refeitório a meio da ala Sul.⁹⁷

A capela do claustro foi mandada construir na segunda metade do século XVI e fundada por D. Maria, em 1569 com o objectivo de sepultar Frei Miguel. Frei Miguel de Valença foi prior e provincial da Ordem de São Jerónimo tendo professado na Penha Longa em 1517. No interior da capela, existia inicialmente um retábulo em talha dourada e uma imagem de Cristo atado à coluna que foi revestida a azulejos por volta de 1678 por Frei Francisco de São Jerónimo.⁹⁸

No lado Sul do claustro encontram-se as dependências dos noviços, a livraria e a cela prioral, para mais tarde ser feita uma ligação ao corpo alongado do dormitório conventual. A sala do Capítulo conventual, de conjuntura Renascentista, hoje designada Sala das Armas⁹⁹ (Fig. 24 e 25) era o local de reunião dos Piores dos vários mosteiros da Ordem de São Jerónimo em Portugal. Construída através das campanhas de obras realizadas por D. João III, possuía duas portas, uma que dava acesso ao dormitório dos monges e livraria do couro (de construção gótica e destruída pelo terramoto) e outra à torre sineira. Foi considerada uma das

⁹⁷ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.17-18

⁹⁸ Idem, p.18

⁹⁹ **Sala das armas:** possuía este nome porque um dos seus últimos proprietários utilizou esta sala para expor a sua colecção de armas.

mais importantes do conjunto conventual e era decorada com retratos reais que hoje fazem parte do espólio de alguns museus portugueses.¹⁰⁰



FIG.24 – Sala das Armas (autores)



FIG.25 – Sala das Armas (autores)

O convento da Penha Longa apresentava no seu conjunto um grau de alfabetização admirável, no entanto a admissão dos noviços era feita sem grande rigor, tendo vindo a aumentar a exigência a nível cultural por volta dos finais do século XVI. Em 1565 eram recebidos candidatos que entendessem aquilo que liam para em 1636, serem exigidas provas de canto e latim. Deste modo, pode-se dizer que o mosteiro da Penha Longa foi o local de passagem de grandes figuras ilustres da ordem hieronimita, nomeadamente Frei Diogo de Murça e Frei Brás de Barros que integram o património do Humanismo Cristão.¹⁰¹

Junto à sala do capítulo e ao longo do Jardim das Adens, do lado direito de quem se encontra de frente para o Jardim do Cardeal, existe um outro edifício que funcionava de dormitório conventual no piso superior e de oficina e casa para animais e alfaias agrícolas no piso inferior, hoje denominado Sala dos Arcos (Fig.26 e 27). No século XVI, são feitas obras para a construção do dormitório, custeadas pelo Cardeal Rei D. Henrique e pelo Infante D. Luís¹⁰² e reconstruído no século XVIII, sendo provido de uma cela prioral, 36 celas individuais e uma capelinha onde se guardavam os tesouros do convento.¹⁰³

¹⁰⁰ In SOUSA, Tude Martins de; *Mosteiro e Quinta da Penha Longa na Serra de Sintra*, Sintra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1946, p.35

¹⁰¹ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.21

¹⁰² Idem, p.34

¹⁰³ Penha Longa, Sintra – Mosteiro Jerónimo, Palácio Real, Parque; Hotel Spa Golf Resort. Disponível em [www.penalonga.com]. Consul. 3. Out.2013.



FIG.26 – Sala dos Arcos – aspecto actual (autores)



FIG.27 – Sala dos Arcos – aspecto actual (autores)

Com a construção do dormitório, o edifício adjacente ao claustro une-se a este para permitir a sua entrada que se fazia pela parte superior, através da sala do Capítulo e do corredor da livraria. Junto à torre sineira, localizada ao pé da sala do Capítulo, existia a céu aberto o pátio do sino, que no século XX foi coberto fazendo a união das dependências do piso inferior.¹⁰⁴

A comunidade conventual da Penha Longa era composta por frades clérigos e leigos, não excedendo mais de 25 religiosos, como descreve Frei Nicolau no seu livro de grandezas de Lisboa. No entanto, existiram épocas em que este número aumentou consideravelmente, verificando-se um total de 112 monges. Deste modo, especula-se que o Convento Jerónimo da Pena tenha sido construído para suportar esta elevada afluência. Como mosteiro de culto e ensinamento da vida religiosa, os noviços após um ano de noviciado, tinha a possibilidade de escolha entre a vida clerical ou leiga, exigindo a profissão que dispusessem os seus bens, para que ficassem libertos da vida material e se entregassem à vocação. Durante quase 100 anos, entre 1420 e 1512, acorriam ao mosteiro da Penha Longa noviços de Norte a Sul do país.¹⁰⁵

Com a extinção das Ordens Religiosas em 1834, o mosteiro deixa de ser uma casa religiosa, passando a ser regido pelos residentes senhoriais. Foram novamente realizadas obras de adaptação em todo o mosteiro, perdendo-se a capela que fazia parte do dormitório de evocação a São Jerónimo. O piso inferior sofre também alterações, nomeadamente na transformação das três salas de carácter rural para um amplo espaço coberto por uma abóbada. A sala dos Arcos foi transformada, pelo Conde da Gandarinha, que mais tarde recebeu o título de Conde da Penha Longa, numa unidade agrícola de produção de manteiga bastante conhecida em Portugal durante os finais do século XIX, passando anos depois para um espaço de festas, função que ainda hoje ocupa.¹⁰⁶

¹⁰⁴ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.35

¹⁰⁵ Idem, p.35

¹⁰⁶ In SOUSA, Tude Martins de; *Mosteiro e Quinta da Penha Longa na Serra de Sintra*, Sintra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1946, p.37

Tendo sempre em atenção a preservação cultural, a Penha Longa conserva a essência de um património espiritual que desde sempre atraiu a devoção do povo e a solenidade do retiro da realeza portuguesa. Na Penha Longa, subsiste a ideia de que neste lugar é possível encontrar e recuperar uma referência para a vida.¹⁰⁷

3.2. Igreja

A Igreja (Fig.29), datada do século XVI,¹⁰⁸ foi construída sobre a primitiva ermida medieval e era dedicada a Nossa Senhora da Saúde, sendo que é o exemplo mais visível de uma estrutura ecléctica, resultado de diversas obras realizadas ao longo dos séculos.¹⁰⁹ Apresenta planta em cruz latina de uma única nave e capelas laterais com a capela-mor orientada a Nascente e embora a decoração interior seja, na sua maioria, barroca, a sua estrutura destaca-se através das linhas maneiristas e planimétricas de raiz erudita que se desenvolve na vertical, onde é observável uma inspiração na tratadística italiana, revelando assim uma época afortunada da história (Fig,28).¹¹⁰



FIG.28 - Interior actual da Igreja da Penha Longa (autores)



FIG.29 – Exterior actual da Igreja da Penha Longa (autores)

¹⁰⁷ Idem, ibidem;

¹⁰⁸ In BARBOSA, J. de Vilhena; *Notícia Histórica sobre a Celebrada Imagem de Nossa Senhora da Saúde da Penha Longa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, p.4

¹⁰⁹ OLIVEIRA, Catarina - **Igreja da Penha Longa** [Em linha], Lisboa: IGESPAR, 2005. [Consult. 03.Out.2013]. Disponível em <http://www.igespar.pt/en/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/69854/>

¹¹⁰ OLIVEIRA, Catarina - **Igreja da Penha Longa** [Em linha], Lisboa: IGESPAR, 2005. [Consult. 03.Out.2013]. Disponível em <http://www.igespar.pt/en/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/69854/>

Em planta, a igreja apresenta-se um pouco desproporcionada, facto que pode ser observado pela torre sineira, que se encontra justaposta a Sul e recuada em relação à fachada principal. O terramoto de 1755 destruiu completamente a nave de estilo gótico, dando lugar a uma nave de abóbada de berço repartida por falsos arcos, fazendo adivinhar uma reconstrução tardia por falta de verbas.¹¹¹

Após a destruição, a Igreja encontrava-se entulhada e as obras de reconstrução deverão ter sido prolongadas pois o livro de receitas e despesas do mosteiro regista em 1780 e 1781 obras na sua cobertura.¹¹² A cobertura do espaço da nave é feita por um esquema simétrico que associa vários tipos de abóbadas.¹¹³ Com a falta de verbas para a reconstrução completa da Igreja, e tendo esta sido reconstruída ao longo dos anos conforme as disponibilidades e os esforços comunitários, sabe-se que provavelmente só terá ficado concluída com a edificação dos altares laterais por volta de 1812.¹¹⁴ Com a reconstrução, o traçado inicial sofreu algumas alterações. Segundo o documento de Frei Baupista de Castro¹¹⁵, escrito antes do terramoto, descreve a igreja composta por abóbadas de cruzaria, que descarregavam sobre colunas adossadas, com a parede da Epístola revestida a azulejo e com cinco capelas, todas do lado do Evangelho.¹¹⁶ Após a reconstrução, o cruzeiro passa a ser coberto pela cúpula interior da torre, enquanto na capela-mor se destaca o retábulo de talha dourada e policromada, de estilo joanino e restaurado pela Escola de Recuperação do Património de Sintra no ano de 1996. As fachadas laterais encontram-se parcialmente adossadas aos espaços monacais como o claustro. A planta é quadrangular e tem dois pisos, onde existem as capelas particulares.¹¹⁷

A primeira capela encontrava-se junto à porta axial da igreja e era dedicada a Nossa Senhora da Vitória, padroeira do mosteiro, invocada por D. João I em memória à Batalha de Aljubarrota. Diz-se que na altura da peste em Lisboa, o mosteiro acolhia o povo em oração e que segundo a lenda, os monges e os peregrinos teriam sido poupados à doença passando a invocação a ser feita em honra de Nossa Senhora da Saúde, hoje exposta num altar e retábulo que terá sido edificado em 1812. Após a extinção das ordens religiosas em 1834 e depois do fim das romarias e procissões, Frei Bernardo Pereira do Valle, monge da Penha Longa e prior de São Pedro de Penaferrim, levou a padroeira para Sintra para em 1860, através do proprietário Tomás Maria Bessone, ser reconstituída a tradição das festas à

¹¹¹ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.23

¹¹² Idem, p.23

¹¹³ OLIVEIRA, Catarina - **Igreja da Penha Longa** [Em linha], Lisboa: IGESPAR, 2005. [Consult. 03.Out.2013]. Disponível em <http://www.igespar.pt/en/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/69854/>

¹¹⁴ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.23

¹¹⁵ Idem, p.24

¹¹⁶ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.23

¹¹⁷ OLIVEIRA, Catarina - **Igreja da Penha Longa** [Em linha], Lisboa: IGESPAR, 2005. [Consult. 03.Out.2013]. Disponível em <http://www.igespar.pt/en/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/69854/>

Senhora da Saúde. Actualmente é feita uma vez por ano, uma romaria à quinta para serem feitas orações em honra da Santa.¹¹⁸

Foram vários os cultos realizados na Igreja da Penha Longa. No local da primeira capela fundou-se o culto a Nossa Senhora das Necessidades, desde 1685 até à extinção das Ordens Religiosas. Outras capelas existiam com o culto a Santo António, a Poente da capela central e a São José a Nascente¹¹⁹ que continha um retábulo de pintura antiga em madeira representando a adoração dos reis. A quinta capela era dedicada a Nossa Senhora da Piedade, que era a primitiva ermida fundada por Frei Vasques Monteiro e que nas sucessivas reconstruções da igreja foi sendo conservada cuidadosamente através de pequenos reparos,¹²⁰ estava situada no cruzeiro no sítio onde existe actualmente o altar-mor.¹²¹

Passando por várias fases de obras, a Igreja passou novamente por outra intervenção após a extinção das Ordens Religiosas, executadas pelo proprietário da altura o Marechal Duque de Saldanha, que apaixonado pelo romantismo, decidiu retirar as cantarias manuelinas e oferece-las ao rei D. Fernando, conservando algumas para incorporarem a sua quinta em Sintra. Estas alterações terão deixado a Igreja em ruínas, pois um posterior proprietário, Tomás Maria Bessone, viu-se obrigado a reedificá-la por volta de 1859. Sobre o espírito romântico, foram construídas duas capelas laterais por volta de 1812, que terão deixado a forma da nave da Igreja algo alterada.¹²²

Em 1910, a Igreja da Penha Longa passou a ser abrangida pelo estatuto de Monumento Nacional segundo o Decreto de 16-06-1910, DG, 1.ª série, n.º 136 de 23 Junho 1910.¹²³

3.3. Jardins

Os jardins na Quinta da Penha Longa, de carácter recreativo, decorriam nas proximidades do edifício conventual e eram fechados para o exterior através da existência de muros altos e portas de ferro proporcionando-lhes um ambiente intimista. Actualmente a inexistência destes muros retiram todo este simbolismo ao espaço. Dentro do edifício, no claustro, existia um jardim que servia de passeio e meditação, apresentando uma total autonomia dos restantes jardins. “*De carácter produtivo, alguns tinham árvores de fruto, como laranjeiras, pereiras e*

¹¹⁸ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.24-25

¹¹⁹ Idem., p.27

¹²⁰ In BARBOSA, J. de Vilhena; *Notícia Histórica sobre a Celebrada Imagem de Nossa Senhora da Saúde da Penha Longa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, p.5

¹²¹ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.27

¹²² Idem., p.32

¹²³ OLIVEIRA, Catarina - *Igreja da Penha Longa* [Em linha], Lisboa: IGESPAR, 2005. [Consult. 03.Out.2013]. Disponível em <http://www.igespar.pt/en/patrimonio/pesquisa/geral/patrimoniomovel/detail/69854/>



FIG.30 – Entrada para a capela onde se encontra a Fonte da Porca (autor)



FIG.31 – Capela onde se encontra actualmente a Fonte da Porca (autor)

*macieiras que se misturavam com os produtos hortícolas e plantas medicinais e aromáticas.*¹²⁴ O uso destas plantas aromáticas estava relacionada com a cultura conventual que misturava plantas, flores e raízes em chás e infusões que acreditavam curar doenças.

Para além do uso de plantas e das orações a Nossa Senhora da Saúde, existiam uma fonte que desde 1620¹²⁵ fazia os monges acreditar estar dotada de água com propriedades medicinais que ajudava no tratamento das dores nos rins. Esta fonte localizada junto da antiga horta dos frades recebe o nome de Fonte da Porca pois a água jorra por um enorme javali em pedra calcária.¹²⁶ Próxima das cozinhas conventuais, a horta ajardinada era limitada a Sul pelas cavalariças reais, a Nascente pela fonte situada no eixo do claustro ajardinado, a Poente pelo muro do Jardim das Adens e a Norte pelo alçado da cozinha que se prolongava até às hospedarias.¹²⁷

No final do século XVII, a fonte é revestida a azulejos azuis e brancos, criando a ambiência característica de uma casa de fresco.¹²⁸ Nas últimas décadas do século XVII, a fonte foi desmontada e retirados os azulejos.¹²⁹ Em 1987, altura em que a propriedade foi adquirida ao proprietário da altura Jorge Correia de Campos, a fonte encontrava-se transformada em sanitários, para em 1992 serem realizadas obras de recuperação tendo em conta os vestígios e as descrições antigas. Infelizmente não foi possível repor algumas lajes

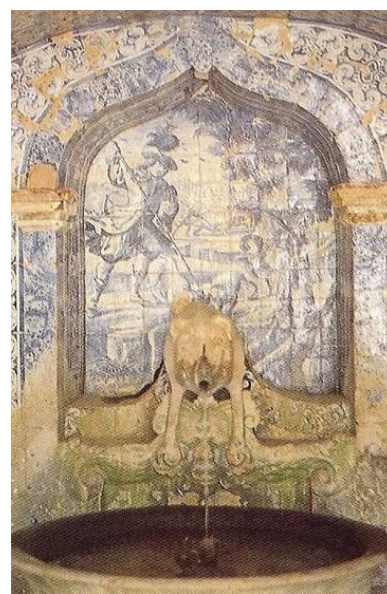


FIG.32 – Fonte da Porca, estado original (in: CARDOSO, Felipa Espírito Santo. 1983, *Sintra e suas Quintas*. Sintra: Edição de autores)

¹²⁴ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.47

¹²⁵ Informação retirada da placa informativa existente junto à Fonte da Porca na Quinta da Penha Longa.

¹²⁶ Informação retirada da placa informativa existente junto à Fonte da Porca na Quinta da Penha Longa.

¹²⁷ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.48

¹²⁸ Informação retirada da placa informativa existente junto à Fonte da Porca na Quinta da Penha Longa.

¹²⁹ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.48

existentes no pavimento original pois a cota do piso da fonte e do terreiro da horta encontrava-se a um nível muito superior tendo ficado entulhado de lama em consequência das cheias de 1983.¹³⁰

3.3.1 Jardim das Damas

O Jardim das Damas apresenta características diferentes dos restantes, pois apesar de ser maior e dinâmico, a sua estrutura é mais naturalista, construído ao “*ritmo da paisagem para o usufruto de passeios formais de fim de tarde*”¹³¹. Bastante usado pela família real e damas da corte, aquando das ausências dos homens que se encontravam nas caçadas pela tapada, diz-se que foi neste jardim que o rei D. Manuel e seus filhos se recolheram em momentos de dor, por altura da morte da rainha.¹³² Segundo a lenda, diz-se que terá sido neste jardim que também a infanta D. Beatriz, casada com um príncipe que não amava, “*iria espairecer com saudades do seu amado poeta Bernardim Ribeiro, enchendo este jardim de intensas memórias e de pensamentos de amor.*”¹³³ A arte da topiária, a barreira visual de ciprestes e os muros envolventes faziam deste espaço um lugar intimista que conjugado com os canteiros de plantas medicinais e aromáticas, as fontes, a latada e os pomares de laranjeiras fizeram as delícias de quem por lá passeava. Com o abandono das visitas reais, a função inicial do jardim foi desaparecendo, pelo que os monges transformaram-no num pomar de laranjeiras, elemento já existente na composição original do espaço.¹³⁴



FIG.33 – Jardim das Damas (autores)

¹³⁰ Nota bibliográfica 88 In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999.

¹³¹ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.48

¹³² Idem, p.49

¹³³ In BARBOSA, J. de Vilhena; *Notícia Histórica sobre a Celebrada Imagem de Nossa Senhora da Saúde da Penha Longa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, p.10

¹³⁴ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.49

3.3.2 Jardim das Adens | Jardim do Cardeal

O Jardim das Adens, descrito como um jardim de excepção, funciona como um prolongamento do interior do mosteiro. Localizado junto ao pasmatório, este espaço dispunha do mesmo ambiente que caracterizava a vida religiosa, espaços em contacto com o exterior mas ao mesmo tempo intimistas e reservados. A entrada principal fazia-se pelo alpendre constituído por dois arcos, no entanto os gradeamentos nos vãos dos muros que o contornavam e as cinco portas das oficinas, demonstravam tratar-se de um espaço de ligação entre as várias partes do convento.¹³⁵

Centrado por um tanque, este jardim de planta quadrangular era originalmente cercado por altos muros a Sul e a Nascente em forma de claustro, totalmente revestidos por painéis de azulejos representando episódios bíblicos e mandados fazer por Frei Duarte da Encarnação em 1688.¹³⁶ Estes painéis tinham cerca de 3 metros de altura em azulejo e proporcionavam através da perspectiva das imagens uma monumentalidade que caracterizava a arquitectura do jardim. O tanque funcionava como espelho de água e é, ainda hoje, o corpo do jardim onde o antigo lajedo de pedra foi substituído por relva.¹³⁷ Sabe-se que as dimensões deste tanque foram reduzidas em 1993, como descreve Frei Bautista de Castro que diz ter cerca de 14.50 metros de comprimento para 16 metros de largura.¹³⁸ O nome do Jardim deve-se ao facto de neste espaço viverem, durante a época do Rei Cardeal D. Henrique, uma espécie de pequenos patos de origem inglesa aos quais o rei terá deixado uma renda anual até à extinção das ordens religiosas.¹³⁹



FIG.34 – Panorâmica do estado actual do Jardim das Adens (autor)

¹³⁵ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.50

¹³⁶ Informação retirada da placa informativa existente junto ao Jardim das Adens na Quinta da Penha Longa.

¹³⁷ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.50

¹³⁸ Nota bibliográfica 90 In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999.

¹³⁹ Informação retirada da placa informativa existente junto ao Jardim das Adens na Quinta da Penha Longa.



FIG.35 – Jardim do Cardeal (autor)

Junto ao Jardim das Adens, num espaço ligeiramente superior, situa-se o Jardim do Cardeal, outrora separado do Jardim das Adens por um portão gradeado. Este jardim, mandado construir no século XVI pelo Cardeal D. Henrique, foi originalmente murado e constituído por três fontes, das quais apenas duas subsistem, a Fonte de Moysés, que com o tempo acabou por perder

parte da cobertura e a Fonte da Lágrima, dentro de um *templete* de construção renascentista, onde ainda é possível observar elementos decorativos característicos da época, incrustações em pedras de várias cores e azulejos. Existia um mirante que acabou por desaparecer, devido provavelmente à construção de um edifício rural por volta dos finais de oitocentos. Este jardim, apresentando inúmeras características artísticas e possuindo alguns equipamentos hidráulicos, foi considerado essencialmente de carácter lúdico.¹⁴⁰

3.3.3 Jardim do Cerco

O Jardim do Cerco apresenta-se como um espaço essencialmente agrícola, com bancos de pedra e tanques, onde a grande importância era a rega do pomar que lá terá existido. Neste jardim é ainda possível observar a Capela da Nossa Senhora da Anunciação, edificada no século XVI pelo cardeal Rei D. Henrique e a Fonte do mosteiro ou Oratório, da época renascentista. De planta rectangular, a entrada do Oratório faz-se através de um portal ao estilo clássico que ao que parece veio substituir o original e onde se encontra inserido na parede da frente uma pia e um nicho que serviu para guardar a imagem de Nossa Senhora da Anunciação. O tecto da capelinha recebeu recentemente intervenção, onde se observa um delicado trabalho nas mísulas e fechos de abóbadas. Situado ao pé da capela existe um fontanário, actualmente revestido com azulejos de três cores e com esquemas axadrezados lineares e em diagonal.¹⁴¹

¹⁴⁰ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.51

¹⁴¹ Idem, p.51



FIG.36 – Jardim do Cerco, estado actual (autor)

Espalhados pelo jardim, existiam bancos que acabaram por desaparecer à excepção de um exemplar que mantém o seu traçado original. O cuidado com a vegetação era notório, como nos descrevem os textos antigos. Com a passagem ao longo dos séculos de proprietário para proprietário e com as modificações introduzidas consoante a conjuntura em que se encontravam, deu-se a deformação de muitos dos jardins e espaços arquitectónicos que chegaram até aos dias de hoje. O Jardim do Cerco foi um desses exemplos, tendo sido transformado em picadeiro, perdendo-se assim uma das mais belas criações paisagísticas portuguesas.¹⁴²

3.3.4 Jardim do Núncio

Considerado o jardim mais curioso do conjunto da Penha Longa, o Jardim do Núncio apresenta-se como um jardim do século XVI, construído em 1552 pelo Núncio Apostólico Pompeu Zambicário, Arcebispo de Sulmona, Conde de Quaranta e Senhor de Bolonha, que terá chegado a Portugal em 1550, tendo permanecido no país até 1561.¹⁴³ É o belo exemplar da presença da corte erudita do rei D. João III na Penha Longa, bem como da evidente acção diplomática entre o rei e Roma. O Jardim do Núncio funciona como um espaço de influências italianas, conjugadas com a tradição portuguesa, sendo em termos conceptuais e estruturais de grande originalidade e de carácter espiritual. Muito mais que um espaço de contemplação, era essencialmente de *“reflexão, procurado para despojamento absoluto do interior de cada um, que em comunhão com a natureza criava uma ambiência intimista entrando-se numa dimensão espiritual criado à medida de um único homem – o Núncio fundador.”*¹⁴⁴

¹⁴² In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.52

¹⁴³ Nota bibliográfica 97 In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999.

¹⁴⁴ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.53



FIG.37 – Jardim do Núncio, estado actual (autora)

Ao estilo renascentista de planta rectangular e isolado por muros altos, é centrado por uma capela dedicada a São João Baptista, onde o rei D. Manuel I “*repousava e gemera com as lembranças da rainha morta*”,¹⁴⁵ e por um enorme tanque que funciona como espelho de água. Envolto na paisagem, destaca-se por ser um dos primeiros jardins em que não existe qualquer estrutura edificada ou agrícola, contrariando o jardim tradicional português que funciona da relação casa-espço exterior. “*A estrutura assente nos princípios da arquitectura militar, mistura-se com a estética renascentista e com soluções plásticas que proporcionam harmonia a todo o espaço conferindo-lhe uma concepção funcional e geométrica que se distancia do humanismo naturalista.*”¹⁴⁶ O tema deste conjunto é a ordem, que se encontra organizado segundo um eixo e desenvolvido a partir de elementos preestabelecidos. O pátio é centrado pelo tanque de grandes dimensões, pela capela a Norte e pela fonte de São Jerónimo a Sul.¹⁴⁷ Lateralmente dispunham-se oito nichos com fontes, quatro de cada lado, conversadeiras e canteiros de flores aromáticas.¹⁴⁸



FIG.38 – Canteiros existentes no Jardim do Núncio (autor)

Com características que demonstram bem o espírito renascentista, o Jardim do Núncio assume-se como uma arquitectura de síntese, de composição e clareza funcional dos volumes que evidencia a simetria própria da atitude racionalista do Renascimento. A inspiração na concepção deste jardim, parte do Núncio e resulta numa harmonia de

¹⁴⁵ In BARBOSA, J. de Vilhena; *Notícia Histórica sobre a Celebrada Imagem de Nossa Senhora da Saúde da Penha Longa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, p.6

¹⁴⁶ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.53

¹⁴⁷ Idem, p.53

¹⁴⁸ Informação retirada da placa informativa existente junto ao Jardim do Núncio na Quinta da Penha Longa.

proporções consoante o conceito estético. Com influências italianas, como já foi referido, em termos de conceito do espaço, este parece estar relacionado com um jardim de estar de importação ao contrário das grandes vilas italianas. A composição dos elementos estruturadores merece ser referida, nomeadamente nos oito canteiros laterais (ver fig.38) que parecem ser os únicos elementos verdes presentes em todo o conjunto, pois ao contrário da tradição dos jardins portugueses, este não dispunha de nenhum pomar de recreio tão típico naquele tempo.¹⁴⁹ Actualmente nestes canteiros encontram-se limoeiros, sendo o único elemento verde presente no interior do espaço.

Em termos decorativos, está presente a influência italiana que se espalha pelos jardins portugueses do Renascimento. Actualmente é possível observar restos da típica decoração renascentista, os frescos e os embrechados, que acabaram por desaparecer. Na origem deste desaparecimento, estarão questões como as alterações estéticas motivadas por fenómenos naturais, que sendo o sítio onde o jardim está implantado de convergência entre águas que eram necessárias é sua subsistência, acabou por se revelar incapaz perante o excesso de precipitação.¹⁵⁰

Acabando por sofrer danos diversas vezes, é possível determinar os momentos da sua reconstrução, através de lápides epigráficas ainda existentes no jardim. O primeiro deu-se em 1706, por Frei Duarte da Encarnação, que mandou revestir de azulejos azuis e brancos todos os canteiros. Até esta data, o jardim terá mantido as suas características originais, à excepção do pavimento ladrilhado, que conforme os manuscritos, já teria desaparecido. A segunda intervenção ocorreu por volta de 1826, e terá realizado trabalhos de reconstrução de elementos danificados após o terramoto de 1755. Em 1862, Tomás Maria Bessone, executa novamente trabalhos, como figura na lápide existente sobre a porta de entrada do jardim (ver fig.39). Estas obras terão sido executadas após a extinção das ordens religiosas, e realizadas devido às acções destrutivas que o Marquês de Saldanha realizou no jardim, retirando-lhe alguns elementos.¹⁵¹

¹⁴⁹ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.54

¹⁵⁰ Idem, p.54

¹⁵¹ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.54



FIG. 39 – Lápide onde se pode ler T. M. BESSONE TORNOU A REEDIFICAR ESTA OBRA NO ANNO DE 1862 (autora)



FIG. 40 – Pormenor dos bancos em pedra junto dos canteiros (autora)

Os manuscritos que chegaram até aos dias de hoje, dão conta de uma serie de alterações professadas ao longo dos anos. A existência de quatro colunas arquivadas assentes no coroamento do tanque, são um destes exemplos que acabaram por desaparecer. Sobre o entablamento, uma lápide dedica o jardim e a capela a São João Baptista – último dos profetas do Antigo Testamento e o primeiro discípulo de Jesus Cristo. Na parte de trás, o pórtico da capela apresentava mais quatro colunas, dando a sensação de perspectiva, técnica bastante usada no Renascimento. No seu interior, a decoração era feita por painéis a fresco com representações da vida do Santo. A sul, na mesma linha axial do jardim, encontra-se um *templete* copulado com uma fonte, de invocação a São Jerónimo. Originalmente fechada, esta fonte, foi centrada por um tanque mourisco de forma octogonal, que se encontra actualmente na colecção do Museu Arqueológico do Carmo e que terá sido oferecido pelo Marquês de Saldanha, e ainda uma carranca em forma de leão. As paredes exteriores estavam decoradas com representações da vida de São Jerónimo, enquanto que no interior da cúpula foram pintadas as superfícies a pedra fingida, à semelhança do que aconteceu com o altar da capela.¹⁵²

A ideia de água num jardim encontra-se normalmente associado à “*imaginação idílica de paraíso como elemento dinâmico e natural.*” O tanque que ocupa grande parte central do espaço muralhado vem conferir esta sensação. Dentro do claustro, nove fontes, dispunham-se simetricamente em ambos os alçados laterais, dando-se maior relevância à fonte que existia dentro do *templete* de São Jerónimo, que se considerava ser de imortalidade e sabedoria. A entrada de água no tanque era feita através de quatro entradas que obedeciam a um programa de representação formal da *Fons Vitae*. A água do tanque vinha de uma mina enterrada atrás do alçado orientado a Nascente que alimentava as fontes através de canos que circulavam dentro da alvenaria segundo o tradicional sistema de gravidade,

¹⁵² Idem, p.55

encaminhando posteriormente a água para dentro do tanque.¹⁵³ No entanto, por volta de 1706 foram feitas obras que alteraram os antigos circuitos de água por dentro da alvenaria, passando a passagem da água a ser feita através de caleiras a céu aberto, colocadas sobre o pavimento de lajedo do século XVIII. Estas alterações devem-se provavelmente à descida do nível freático que levou ao abandono da mina e ao encanamento da água da rega.¹⁵⁴



FIG.41 – Tanque central do Jardim do Núncio (autora)



FIG.42 – Pormenor da entrada de água no tanque central (autora)

O pavimento originalmente existente no pátio que rodeia o tanque era em cerâmica, composto alternadamente por três elementos: ladrilho de barro vermelho simples talhado em forma hexagonal; por rosetas policromas em técnica de aresta e taelos monocromos vidrados a esmalte verde.¹⁵⁵ Inicialmente, data de construção do jardim, presume-se que este pavimento de estendesse por toda a área do claustro ajardinado. Actualmente e desde o início do século XVIII, este apenas surge numa pequena área junto à fonte cupulada. Associados a este pavimento, os azulejos apresentam graves níveis de degradação devido ao passar dos anos sujeitos às condições climáticas. Com esta degradação, o Museu Nacional do Azulejo, em 1992, decidiu intervir, fazendo o levantamento do pavimento existente, para posteriormente ser repostos após as obras de recuperação do jardim. A possibilidade deste pavimento corresponder à época de construção do jardim, é dada pelas descrições feitas, bem como pelos inúmeros fragmentos encontrados que ainda hoje aparecem no leito da ribeira e que terão sido arrastados pela força das águas durante as cheias.¹⁵⁶

Os azulejos, considerados pelo Museu Nacional do Azulejo como peças únicas, alternam-se na sua composição: a cabra ou o bode de Rampante e as espadanas ou espadarias sobre as ondas. Presume-se que terão sido concebidos para fazer parte integrante do pavimento, no entanto são perfeitamente autónomos e limitados pela moldura. Tipicamente Renascentista

¹⁵³ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.55

¹⁵⁴ Nota bibliográfica 107 In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999.

¹⁵⁵ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.55

¹⁵⁶ Nota bibliográfica 108 In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999.

apresentam um desenho nítido bastante naturalista e contorno em aresta fina. Apesar da grande importância, estes azulejos não podem ser isolados do contexto geral do jardim, no qual o jogo cromático definido no claustro ajardinado “*se envolve na repetição das matrizes de azulejo, com flores coloridas e riqueza textural dos embrechados e revestimentos pictóricos das paredes a fresco que com representações do imaginário sagrado, diluía a volumetria destas mesmas paredes.*”¹⁵⁷

3.3.5 Jardim de São Gonçalo



FIG.43 – Jardim de São Gonçalo, vista da entrada principal (autora)

O que se passava na Europa durante o século XVIII em termos artísticos, só neste século teve coerência, transferindo-se para Portugal, embora adoptando diferentes formas adaptadas às necessidades portuguesas. Nos jardins portugueses são criados, em oposição aos jardins franceses grandes e solarengos, pequenos canteiros de flores, que se agrupavam em espaços reduzidos e rodeados por densas árvores, respeitando a necessidade constante de

sombra e devido à importância da rega neste clima.¹⁵⁸

Deste modo, junto à ribeira da Penha Longa nasce o Jardim de São Gonçalo, composto por um pomar de citrinos e uma fonte do século XVIII do estilo barroco. O ponto central do Jardim é um tanque de recolha de águas e uma capela de invocação a São Gonçalo.¹⁵⁹ A estrutura deste jardim, desenvolve-se a partir do tanque que ocupa uma grande área e é centrada pela capela dedicada a São Gonçalo. Numa parte superior existe uma espécie de terraço, acessível através dos degraus existentes do lado esquerdo do tanque, onde permaneciam canteiros com flores e alguns assentos de pedra. Este tipo de jardim, onde o objectivo principal era o de convívio, representava uma ambiência relacionada com a questão do conforto que tanto os senhores da altura procuravam. A existência de uma pérgula que serviria de protecção e acolhimento era outro dos elementos caracterizadores deste tipo de espaços. Actualmente existe uma estrutura com troncos de madeira que reproduzia a

¹⁵⁷ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.56

¹⁵⁸ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.57

¹⁵⁹ Informação retirada da placa informativa existente junto ao Jardim de São Gonçalo na Quinta da Penha Longa.

estrutura original (ver fig.44), pois a sua importância prendia-se com o facto de ser ela o elemento unificador do espaço que faria a ligação com o pomar.¹⁶⁰



FIG.44 – Estrutura actualmente existente no Jardim de São Gonçalo (autora)



FIG.45 – Actual estado de conservação dos muros (autora)

A pintura dos muros (ver fig.45) encontrava-se bastante degradada, tendo sofrido um restauro recentemente, que reproduz os motivos originalmente existentes. Esta pintura de meados de setecentos, onde predominava o carmim e o branco era organizada com painéis de lisonjas e imitações de pilastras que são sobrelevadas por escoras onde assentava a estrutura da pérgula.¹⁶¹



FIG.46 – Interior da Capela de São Gonçalo (autora)

A capela é de planta rectangular no seu interior, com bancos de pedra, abobadado em berço e coberta por azulejos brancos e azuis, representando várias figuras datados do século XVIII. O altar, central, é igualmente coberto por azulejos e diz-se que possuía no início do século uma imagem em madeira de São Gonçalo, que se apresentava bastante deteriorada.¹⁶²

A simplicidade na estrutura arquitectónica deste jardim encontra-se relacionada com condicionantes morfológicas e rurais na construção de espaços que acabam por ser decorados em função da estrutura edificada. Em 1723 é incorporado nos bens do mosteiro, altura em que é comprada a primeira parcela para em

¹⁶⁰ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.57

¹⁶¹ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.58

¹⁶² In SOUSA, Tude Martins de; *Mosteiro e Quinta da Penha Longa na Serra de Sintra*, Sintra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1946, p.38

1808, a Quinta de São Gonçalo passar também ela a fazer parte da propriedade monacal.¹⁶³

A construção deste Jardim, parece indiciar que este se organiza a partir de um funcional tanque de recolha de águas, pois nas traseiras a paisagem desenrola-se através de uma rede de caleiras que conduzem a água para este tanque, para posteriormente ser utilizada na rega. O tanque, elemento coordenador de todo o espaço, possui uma bica lavrada em cantaria que conduz a água a partir da fonte, proporcionando um efeito de espelho de água.¹⁶⁴



FIG.47 – Pormenor dos canteiros (autora)



FIG.48 – Fonte (autora)



FIG.49 – Caleira de condução de água (autora)

3.3.6 Jardim do Caphião



FIG.50 – Banco em pedra existente no Jardim do Caphião (autora)

Fora do cerco conventual da Penha Longa, junto ao Penedo dos Ovos e perto do local onde se ergueu outrora o portal barroco de entrada para o mosteiro, localiza-se o Jardim do Caphião.¹⁶⁵ Datado do século XVI e com uma estrutura muito simples, era composto por um pequeno oratório a descoberto em forma de cruzeiro¹⁶⁶, formado por azulejos brancos e verdes¹⁶⁷, rodeado de um

¹⁶³ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.58

¹⁶⁴ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.58

¹⁶⁵ Informação retirada da placa informativa existente junto ao Jardim do Caphião na Quinta da Penha Longa.

¹⁶⁶ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.58

¹⁶⁷ In BARBOSA, J. de Vilhena; *Notícia Histórica sobre a Celebrada Imagem de Nossa Senhora da Saúde da Penha Longa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, p.10

banco circular em pedra de espaldar relativamente alto que serviria para proteger os monges da população que circulava nos caminhos públicos, enquanto estes desfrutavam dos seus momentos de oração e repouso. Neste lugar, de vistas privilegiadas, observa-se no bosque em frente o Penedo de São José com uma cruz, onde segundo a lenda, foram enterradas as armas conquistadas às tropas francesas durante as invasões.¹⁶⁸

¹⁶⁸ In SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*, Sintra, [s.n.], 1999, p.58

4. Levantamento dos elementos exteriores do Convento da Penha Longa

4.1. Elementos construídos

4.1.1. Muros

Alguns dos muros existentes nos jardins da Penha Longa encontram-se algo degradados, sendo mesmo alguns inexistentes. Deste modo, é importante o levantamento dos mesmos de modo a assegurar uma correcta acção de intervenção.

Com princípios da Arquitectura Militar, os muros do Jardim do Núncio foram sofrendo alterações devido às condições climáticas e temporais que provocaram a sua sucessiva degradação. Actualmente e apesar da recente intervenção levada a cabo por profissionais da Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra, estes apresentam-se sem identidade necessitando de algum tipo de cobertura e reparos técnicos. Os oito nichos adjacentes aos muros laterais necessitam de intervenção estando neste momento desactivados da sua função inicial. Propõe-se assim repor o uso original, bem como tentar aproximar com o maior rigor possível a ideia estética que foi perdida.

No Jardim de São Gonçalo, as paredes que circundam todo o espaço, sofreram igualmente trabalhos de recuperação recentes. No entanto, as pinturas dos muros inferiores encontram-se bastante sujas e com falta de trechos de pintura. As paredes superiores apresentam cavidades que se terão originado devido às condições climáticas adversas. Os assentos que acompanham as paredes também necessitam de intervenção, apresentando como parte integrante do conjunto.

4.1.2. Sistema hidráulico

O sistema hidráulico dos três jardins em estudo apresenta-se como o elemento mais degradado, sendo que no Jardim do Núncio e no Jardim de São Gonçalo este encontra-se mesmo inactivo. No Jardim das Adens encontra-se em funcionamento.

No Jardim do Núncio a existência de um tanque central de grandes dimensões pressupõe a existência de um sistema hidráulico que actualmente se encontra bastante danificado. Os canais encontram-se subterrâneos, pelo que o levantamento destes é de extrema importância, possibilitando uma melhor recuperação. As condutas de água percorrem os limites do jardim, interceptando as fontes laterais que outrora jorravam água assim como a fonte central interna da capela. As condutas que transportavam a água para o interior do tanque encontram-se sobre o pavimento que ladeia o elemento de água.

No Jardim de São Gonçalo o tanque central presente no espaço também se encontra fora de funcionamento, no entanto outrora o abastecimento de água era feito através de um escoadouro que jorrava água para o interior do tanque que por sua vez despejava o excedente para uma bica existente num patamar inferior. Junto à fonte, existem dois canais a céu aberto que também eles armazenavam a água proveniente do tanque. Actualmente a circulação encontra-se parada, enchendo o tanque apenas com a água das chuvas. A bica e os canais encontram-se bastante danificados, não existindo vestígios de circulação de água nos últimos anos.

O Jardim das Adens, sendo o mais utilizado dos três jardins, por se encontrar junto ao mosteiro, apresenta-se como o mais visto. O tanque central encontra-se em funcionamento dispondo de um sistema de repuxo no centro que terá sido restaurado recentemente mas que não se identifica com o que outrora acontecia naquele espaço. Os canais de circulação de água encontram-se por baixo do jardim relvado existente actualmente.

4.1.3. Caminhos

Na Penha Longa existem três percursos principais já delineados que fazem a ligação entre os diferentes elementos da propriedade. O percurso designado de Pinheiro apresenta-se como o mais longo com aproximadamente 8 Km fazendo a ligação entre as urbanizações existentes a Sul, percorrendo o limite Oeste da propriedade e terminando junto ao conjunto monacal. Um pouco mais pequeno mas não menos importante, o percurso da Serra com aproximadamente 2,2 Km faz o limite Este da Penha Longa, cruzando o Hotel e a urbanização mais a Norte terminando junto ao Mosteiro para dar início ao percurso do Pinheiro. Por último o percurso Histórico com aproximadamente 1,3 Km apresenta-se como o mais importante dentro do contexto deste trabalho, pois faz a ligação entre os três jardins em estudo. Inicia-se junto ao limite Sul/Este da propriedade, passando pelo Jardim de São Gonçalo, seguindo o Jardim do Núncio e terminando junto ao limite Norte/Oeste, após contornar o Mosteiro, a Igreja e o Jardim das Adens.

4.2. Elementos Naturais

4.2.1. Vegetação

Na Penha Longa é possível encontrar uma diversidade florística bastante diversificada, no entanto o mesmo não acontece com os jardins, em que os elementos vegetativos são bastante escassos. No Jardim do Núncio os únicos elementos vivos existentes são uns

limoeiros que se encontram nos canteiros laterais e que nada têm a ver com o que outrora existia no espaço. No Jardim de São Gonçalo a existência de canteiros pressupõe a existência de vegetação que actualmente não se verifica. Sendo estes a única fonte de vegetação possível existente neste jardim e visto que não se verifica actualmente, o Jardim de São Gonçalo não apresenta qualquer tipo de elemento verde. No Jardim das Adens, é possível observar um extenso relvado que circunda todo o tanque central. Junto ao Jardim do Cardeal existe uma sebe arbustiva que se prolonga até ao relvado do Jardim das Adens. Assim este jardim apresenta-se como o mais “verde” de todos os outros em estudo.

CAPÍTULO II – PROGRAMA DE INTERVENÇÃO NOS JARDINS DA PENHA LONGA

1. Aspectos teóricos do restauro e conservação de jardins históricos

As primeiras preocupações relativas à preservação do património cultural surgem por volta dos anos 30 e começam a revelar-se de grande importância para a sociedade, surgindo a necessidade de criação de uma convenção que regulamentasse a protecção dos monumentos de interesse histórico. A primeira **Carta de Atenas** surge, influenciada nas ideias de Gustavo Giovannoni¹⁶⁹, em Atenas em 1931 pelo Conselho Internacional de Arquitectura Moderna e visava a preservação e restauro do património edificado. Assim a **Carta de Atenas** determina “*que se mantenha a ocupação dos monumentos, que se assegure a continuidade da sua vida consagrando-os contudo a utilizações que respeitem o seu carácter histórico ou artístico.*”¹⁷⁰

Como forma de valorização dos monumentos a **Carta de Atenas** regulamenta que deve sempre existir “*o respeito, na construção dos edifícios, pelo carácter e a fisionomia das cidades, sobretudo na vizinhança de monumentos antigos cuja envolvente deve ser objecto de cuidados particulares. Também alguns conjuntos e certas perspectivas particularmente pitorescas, devem ser preservadas.*”¹⁷¹

Em 1933, através do IV Congresso Internacional de Arquitectura Moderna surge a 2º **Carta de Atenas** que veio reforçar a ideia da organização da cidade a partir de quatro funções básicas: trabalhar, habitar, circular e recrear, em que estas seriam autónomas entre si e daí dar-se-ia a organização da sociedade na cidade contemporânea.¹⁷²

Nos anos 60, surge uma nova preocupação relacionada com a paisagem e a sua destruição. Deste modo é assinado em 1962, na 12ª Conferência Geral da UNESCO em Paris, a **Recomendação para a Salvaguarda da Beleza e Carácter das Paisagens e Sítios** que versa sobre a protecção da beleza e do carácter das paisagens e lugares ameaçados pelo desenvolvimento de actividades humanas desordenadas. Estas medidas vêm complementar as já existentes no domínio da conservação da natureza e incentiva a realização de planos de

¹⁶⁹ G. GIOVANNONI: historiador de arquitectura, arquitecto e urbanista. O interesse histórico-artístico levou-o para o campo da conservação e para projetos de desenvolvimento urbano. Em 1910, tornou-se presidente da Architettura e Associazione Artistica tra i Cultori dell, fundada em Roma em 1890 com o objectivo de alargar o conhecimento do património histórico e artístico e promover iniciativas de conservação. Disponível em <http://www.dictionaryoffarthistorians.org/>

¹⁷⁰in ATHENES CHARTER (1931), Disponível em <http://www.icomos.org/en/charters-and-texts/179-articles-en-francais/ressources/charters-and-standards/167-the-athens-charter-for-the-restoration-of-historic-monuments>

¹⁷¹ *Idem, ibidem*

¹⁷² KANASHIRO, Milena; *Da antiga à nova Carta de Atenas - em busca de um paradigma espacial de sustentabilidade*; Documento electrónico, p.34

ordenamento e urbanísticos como meio de identificação de factores que possam ser prejudiciais sobre a paisagem e lugares.¹⁷³

Em Outubro de 1975, surge através do Concelho da Europa em Amesterdão a **Carta Europeia do Património Arquitectónico** que visa “*promover uma política europeia comum e uma acção concertada de protecção do património arquitectónico, apoiando-se sobre os princípios da sua conservação integrada.*”¹⁷⁴ Esta Carta surge da iniciativa tomada pelo Concelho da Europa que declara em 1975, o Ano Europeu do Património Arquitectónico, juntando vários países europeus com o objectivo de realçar a importância dos “*valores culturais, sociais e económicos dos monumentos, conjuntos e sítios, no meio urbano e rural, herdados do passado.*”¹⁷⁵

A estratégia de intervenção utilizada tem por base essencialmente os princípios descritos na Carta de Veneza, Carta de Florença e ainda a Carta de Burra. Deste modo, a Carta de Veneza que surge em Maio de 1964 aprova que “*a conservação e o restauro dos monumentos visam salvaguardar tanto a obra de arte como o testemunho histórico*”¹⁷⁶ por isso todos os trabalhos realizados nos jardins terão como preocupação principal preservar o existente e o que resta do espírito do lugar. Todos os trabalhos que sejam realizados, quer sejam de restauro, reconstrução ou requalificação exigem trabalhos de manutenção, pois a “*conservação dos monumentos impõe em primeiro lugar uma manutenção permanente dos mesmos.*”¹⁷⁷

Em todos os jardins existem objectos que fazem parte integrante do conjunto, por isso pretende-se que estes sejam restaurados, caso necessitem, mas que se mantenham no lugar onde inicialmente foram colocados, a não ser que estejam suscetíveis ou em perigo por alguma razão.¹⁷⁸

A dinâmica da preservação de monumentos históricos apresentava-se já bastante adaptada pelo que surge a problemática dos jardins. O restauro dos jardins históricos começa então a ganhar cada vez mais importância, pelo que surge a necessidade de regulamentar as acções de restauro. Deste modo, surge a 21 de Maio de 1981 em Florença, pelo Comité Internacional de Jardins Históricos, a **Carta de Florença** relativa à salvaguarda dos jardins históricos.

¹⁷³ In Carta da Recomendação para a Salvaguarda da beleza e carácter das paisagens e sítios. Disponível em <http://euromachs.fl.uc.pt/heritage/index.php?page=recomendacao-sobre-a-salvaguarda-da-beleza-e-do-caracter-das-paisagens-e-dos-sitios>.

¹⁷⁴ in EUROPEAN CHARTER OF THE ARCHITECTURAL HERITAGE (1975), Disponível em <http://www.icomos.org/en/charters-and-texts/179-articles-en-francais/ressources/charters-and-standards/170-european-charter-of-the-architectural-heritage>

¹⁷⁵ Idem

¹⁷⁶ Art. 3, in VENICE CHARTER (1964), Disponível em http://www.international.icomos.org/charters/venice_e.pdf

¹⁷⁷ Art. 4, in VENICE CHARTER (1964), Disponível em http://www.international.icomos.org/charters/venice_e.pdf

¹⁷⁸ Art. 8, in VENICE CHARTER (1964), Disponível em http://www.international.icomos.org/charters/venice_e.pdf

A **Carta de Florença**, constituída por 25 artigos e criada como complemento à Carta de Veneza, tinha como objectivo considerar um jardim histórico como monumento de interesse público (monumento vivo), pois “o jardim histórico é uma composição arquitectónica cujos constituintes são principalmente vegetais e, portanto, vivos, o que significa que eles são perecíveis e renováveis”¹⁷⁹ e como tal “deve ser preservado de acordo com o espírito da Carta de Veneza.”¹⁸⁰

Surge com a **Carta de Florença**, leis que passam a regular toda a manutenção, conservação e qualquer tipo de intervenção em jardins históricos sendo que a sua preservação *depende da sua identificação e da sua classificação*¹⁸¹. De grande importância é também o seu restauro e a reconstrução que não deve ser iniciada “sem ter sido realizada, previamente, uma investigação profunda que garanta que esse trabalho é cientificamente executado, e que envolva tudo, desde a escavação até à reunião dos registos relacionados com o jardim em questão e com outros jardins semelhantes.”¹⁸²

Quadro 2 – Quadro dos diferentes documentos respeitantes à preservação de sítios históricos

DOCUMENTO	DATA	LOCAL	ENTIDADE RESPONSÁVEL	OBJECTIVO
Carta de Atenas	1931	Atenas	CIATM (I Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos em Monumentos)	Carta de Restauro dos Monumentos Históricos que visa a preservação e restauro do património edificado
Carta de Atenas	1933	Atenas	CIAM (Congresso Internacional de Arquitectura Moderna)	Carta de Restauro dos Monumentos Históricos que visa a preservação e restauro do património edificado
Recomendação para a Salvaguarda da Beleza e Caracter das Paisagens e Sítios	1962	Paris	UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization)	Salvaguarda "da beleza e do carácter das paisagens e dos lugares" ameaçados pelo forte incremento da actividade humana
Carta de Veneza	1964	Veneza	ICOMOS (International Council on Monuments and Sites)	Conservação e restauro de monumentos e sítios
Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural - Convenção de Paris	1972	Paris	UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization)	Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural

¹⁷⁹ Art. 2, in FLORENCE CHARTER (1981), Disponível em http://www.international.icomos.org/charters/gardens_e.pdf

¹⁸⁰ Art. 3, in FLORENCE CHARTER (1981), Disponível em http://www.international.icomos.org/charters/gardens_e.pdf

¹⁸¹ Art. 9, in FLORENCE CHARTER (1981), Disponível em http://www.international.icomos.org/charters/gardens_e.pdf

¹⁸² Art. 15, in FLORENCE CHARTER (1981), Disponível em http://www.international.icomos.org/charters/gardens_e.pdf

Carta Europeia do Património Arquitectónico	1975	Amesterdão	Comité dos Monumentos e Sítios do Conselho da Europa	Salvaguarda do património edificado com interesse histórico
Carta de Burra	1979	Burra	ICOMOS (International Council on Monuments and Sites)	Conservação dos lugares com significado cultural
Carta de Florença	1981	Florença	ICOMOS-IFLA (International Council on Monuments and Sites)	Preservação dos jardins históricos
Convenção para a Protecção do Património Arquitectónico na Europa	1985	Granada	COE (Council of Europe)	Protecção do património arquitectónico na Europa
Documento de Nara Sobre a Autenticidade	1994	Nara	ICOMOS (International Council on Monuments and Sites)	Autenticidade do património cultural
Carta Internacional sobre Turismo Cultural	1999	México	ICOMOS (International Council on Monuments and Sites)	Conservação do património com interesse turístico
Convenção Europeia da Paisagem	2000	Florença	COE (Council of Europe)	Protecção, gestão e ordenamento das paisagens europeias
Carta dos Itinerários Culturais	2008	Québec	ICOMOS (International Council on Monuments and Sites)	Ligação cultural do património construído ou vegetal
Recomendação sobre a Paisagem Histórica Urbana	2011	Paris	UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization)	Conservação do património histórico urbano

Assim e com base nas doutrinas descritas nestas Cartas pretende-se que:

- ♦ As acções de **conservação e preservação** retardem os sinais do tempo nos elementos trabalhados;
- ♦ As acções de **restauro e reconstrução** em todos os elementos sejam realizadas com base em documentos fiáveis que devolvam o significado cultural inicial entretanto perdido;
- ♦ As acções de **recuperação** melhorem o estado de conservação dos elementos nunca esquecendo que estes funcionam em conjunto com os restantes elementos do jardim;
- ♦ As acções de **valorização** de novas áreas construídas sejam essencialmente para melhoria das condições dos utilizadores do espaço desde que estas estejam contextualizadas na envolvente;
- ♦ As acções de **manutenção** nos jardins sejam realizadas com o conhecimento de que se trata de um jardim histórico e que qualquer uso inadequado poderá ser prejudicial a todo o trabalho de melhoria feito.

2. Proposta de restauro dos Jardins do Convento da Penha Longa

2.1. Objectivos e estratégia de intervenção

O objectivo deste trabalho consiste na elaboração de um Plano Director de Restauro que com base na análise feita anteriormente aos Jardins da Penha Longa permitirá uma boa aplicação dos princípios e metodologias de restauro existentes nas cartas e convenções internacionais do ICOMOS / UNESCO. Este estudo realizado através da consulta de diversas fontes que nos mostram a evolução e o actual estado dos jardins, é a base pela qual este Plano será regido. A recolha de informação presente no Capítulo I, nomeadamente no ponto três, será expressa num quadro que é apresentado de seguida e que sintetiza a informação dos três casos de estudo, nomeadamente no que diz respeito ao diagnóstico e actual estado de conservação de cada espaço comparando-o com o seu estado inicial e sucessivas alterações. Este quadro permitirá avaliar o que foi feito desde a sua construção até aos dias de hoje, percebendo as alterações realizadas pelos diversos proprietários possibilitando uma melhor recuperação para o que se considera ser as características da composição original que no seu conjunto são responsáveis pelo significado do lugar.

Desta forma, a recuperação dos usos tradicionais será tida em consideração, não esquecendo os hábitos de utilização actuais e desenvolvendo-se metodologias e princípios de intervenção que satisfaçam os presentes utilizadores do espaço.

Considera-se igualmente importante a sensibilização dos actuais proprietários para a recuperação dos elementos danificados, introduzindo usos actuais que satisfaçam as necessidades dos utilizadores e que dignifiquem o espírito histórico do lugar. Assim pretende-se sugerir a criação de um percurso pedonal histórico com elementos e placas identificadoras da história de cada Jardim e elementos históricos, como é o caso da Igreja e Mosteiro. No Jardim do Núncio e do Jardim de São Gonçalo, sendo os mais dispersos e de menor utilização, pretende-se que seja feita a recuperação com materiais leves e que permitam a utilização do espaço para festas e conferências ao ar livre. No Jardim das Adens, devido à sua localização central e sendo parte integrante do Mosteiro e da Igreja, pretende-se que a substituição do relvado pelo lajeado de pedra, ofereça uma melhor utilização de toda a área permitindo a realização de casamentos e cerimónias com a colocação de mesas e todo o material inerente a este tipo de uso.

Quadro 3 – Quadro síntese de análise e diagnóstico dos Jardins da Penha Longa

Caso de estudo	Análise e diagnóstico			Prognóstico
	Caracterização inicial	Caracterização actual	Estado de conservação	Princípios de intervenção
Jardim do Núncio	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Muros altos ♦ Pavimento ladrilhado ♦ Quatro colunas arquivadas assentes no coroamento do tanque ♦ Oito nichos com fontes ♦ Conversadeiras e canteiros revestidos com azulejos azuis e brancos ♦ Templete copulado com uma fonte fechada e centrada por um tanque mourisco de forma octogonal e uma carranca em forma de leão. Paredes exteriores decoradas com representações da vida de São Jerónimo. Interior da cúpula pintada com superfícies de pedra fingida ♦ Pavimento do pátio em azulejos que dá entrada à capela composta por uma fonte ♦ Pavimento do pátio que rodeia o tanque em cerâmica ♦ Plantas aromáticas 	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Muros altos ♦ Pavimento em betão ♦ Inexistência de colunas ♦ Oito nichos com fontes ♦ Conversadeiras e canteiros em betão ♦ Templete copulado com uma fonte fechada e centrada por um tanque octogonal ♦ Pavimento do pátio em azulejos que dá entrada à capela composta por uma fonte ♦ Pavimento do pátio que rodeia o tanque em cerâmica ♦ Limoeiros 	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Bom ♦ Mau ♦ - ♦ Mau ♦ Mau ♦ Mau ♦ Razoável ♦ Razoável ♦ Mau 	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Limpeza e aplicação de revestimento em argamassa de cimento e areia ♦ Recuperação do pavimento ladrilhado ♦ Não se pretende a reconstituição das colunas por falta de informação exacta ♦ Limpeza e recuperação de elementos danificados ♦ Aplica-se o mesmo tratamento dos muros ♦ Aplica-se o mesmo tratamento dos muros; Recuperação do tanque mourisco Restauração do pavimento em cerâmica ♦ Restauração dos azulejos degradados e limpeza dos que se encontram em bom estado ♦ Limpeza e recuperação dos tijolos e pedras que delimitam o tanque ♦ Reposição de espécies originalmente existentes
Jardim das Adens	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Tanque central ♦ Cercado por muros altos a 	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Tanque central ♦ Inexistência dos 	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Bom ♦ - 	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Recuperação e limpeza ♦ Criação de sebe

	Sul e a Nascente em forma de claustro ♦ Corpo do jardim revestido com lajeado de pedra	muros em pedra ♦ Corpo do jardim revestido com relva	♦ Bom	arbórea e arbustiva ♦ Reconstituição do lajeado de pedra
Jardim de São Gonçalo	♦ Fonte do estilo barroco ♦ Tanque central ♦ Capela de invocação a São Gonçalo com bancos em pedra ♦ Terraço com canteiros e alguns assentos em pedra ♦ Muros pintados ♦ Altar da capela coberto por azulejos ♦ Tanque possui uma bica lavrada em cantaria que conduz a água a partir da fonte	♦ Fonte do estilo barroco ♦ Tanque central ♦ Capela de invocação a São Gonçalo com bancos em pedra ♦ Terraço com canteiros e alguns assentos em pedra ♦ Muros pintados ♦ Altar da capela coberto por azulejos ♦ Tanque possui uma bica lavrada em cantaria que conduz a água a partir da fonte	♦ Bom ♦ Razoável ♦ Bom ♦ Razoável	♦ Recuperação de algum elemento danificado ♦ Restauro do tanque ♦ Recuperação de algum elemento danificado ♦ Restauro dos canteiros e dos assentos em pedra ♦ Restauro da pintura dos muros ♦ Restauro de algum elemento danificado ♦ Limpeza e restauro da bica

2.2. Programa de intervenção geral

Após uma cuidadosa análise dos problemas existentes nos Jardins da Penha Longa, procedeu-se à intervenção em determinados elementos que se consideraram ser os que necessitavam de maior cuidado. Desde modo, o espírito do lugar, a história e as actividades realizadas actualmente tiveram um papel fundamental no prognóstico realizado para cada local.

No Jardim do Núncio, sendo o que apresenta maior atenção motivada pelo estado de conservação de todos os seus elementos, foi realizado um levantamento dos muros. Para os muros propõe-se o a limpeza e aplicação de um revestimento em argamassa de cimento em areia com uma maior percentagem de areia para que o acabamento final seja rústico e natural. Actualmente o pavimento ao redor do tanque central encontra-se fora do contexto da época inicial pelo que se propõe a aplicação do pavimento original em ladrilho de barro vermelho disposto de forma ortogonal. Para o pavimento que se encontra junto ao tanque dando entrada para a capela composta pela fonte propõem-se o restauro dos azulejos e da tijoleira existentes pois encontram-se em franco grau de degradação. Todo o restante pavimento que limita o tanque central pretende-se que seja feita uma limpeza e recuperação

dos tijolos assim como das pedras que limitam a zona Norte do tanque. Em termos de vegetação, pretende-se a plantação de flores aromáticas possivelmente utilizadas na altura de construção do jardim. (*Bellis perennis* L., *Viola tricolor* L., *Borago officinalis* L., *Rosa* sp.)¹⁸³

O Jardim de São Gonçalo são evidentes alguns problemas que necessitavam de ser resolvidos. A pintura dos muros, sobretudo na parte inferior do conjunto encontra-se deteriorada propondo-se a sua recuperação. No tanque central, actualmente fora de funcionamento e enchendo-se apenas com água na altura da chuva, propõe-se uma limpeza e recuperação das paredes que se encontram sujas e danificadas. Para os canteiros superiores que acompanham o tanque é proposta a plantação de espécies adaptadas ao local nomeadamente a *Rosa* sp.e a *Viola tricolor* L. Para o pavimento, é proposta a aplicação de cubos de calcário de cor cinzenta em toda a zona de estadia. Os bancos em pedra, serão sujeitos a limpeza e a toda a manutenção que necessite para que lhes seja devolvido o aspecto original do conjunto.

O Jardim das Adens é dos três jardins em estudo o que apresenta maior afluência pois é o que se encontra mais próximo ao conjunto monástico. Este jardim, apesar de se apresentar em bom estado, não conserva os materiais do primitivo jardim. O local hoje coberto por relva, era outrora revestido a lajes de pedra e os muros antigos que contornavam todo o espaço em forma de claustro são hoje inexistentes. Assim, é proposta a aplicação de lajes de pedra em todo o espaço actualmente ocupado pelo relvado e a limpeza das pedras que limitam o tanque central. Sendo um espaço aberto e sem ter dados suficientes que nos permitam reconstruir os muros outrora existentes, pretende-se que este ambiente mais intimista seja criado através da criação de uma sebe de arbustos – *Buxus sempervirens* – do lado Este e Sul do jardim, assim como uma sebe de árvores – *Citrus sinensis* – no lado Sul.

Estes três Jardins, apresentam sinais de desrespeito pelo carácter histórico do lugar utilizando materiais e usos que põe em risco a continuidade destes elementos como património histórico e cultural. Apesar do baixo índice de utilização actual, pretende-se devolver a utilidade perdida respeitando os usos actuais e criando elementos que permitam a união dos três jardins com a criação do percurso histórico, possibilitando o conhecimento do passado e tornando possível uma melhor utilização actual.

¹⁸³ AZAMBUJA, Sónia Talhé – "From Iconography to Symbology: Landscape and Nature in Portuguese Art (15th-16th Centuries)". In SCHOOL OF SCIENCES, UNIVERSITY OF PORTO (org.) – *Landscape: A Place of Cultivation*. Peer Reviewed Proceedings of European Council of Landscape Architecture Schools (ECLAS) 2014 Conference (21 to 23 September 2014). Porto: ECLAS/School of Sciences, University of Porto, 2014, pp. 377

CAPÍTULO III – PLANO DIRECTOR DE RESTAURO

LISTA DE PEÇAS DESENHADAS

Peça 0 – Base existente

Peça 1 – Freguesias do Concelho de Sintra

Peça 2 – Localização do património histórico e cultural das freguesias de Colares, São Martinho, Santa Marta e São Miguel e São Pedro de Penaferrim

Peça 3 – Limites de propriedade da Penha Longa

Peça 4 – Carta dos percursos existentes

Peça 5 – Esquema do sistema de águas

Peça 6 – Localização das principais construções da Quinta da Penha Longa

Peça 7 – Principais problemas dos jardins da Penha Longa

Peça 8 – Jardim das Adens – estado actual

Peça 8.1 – Plano Director de Restauro - Jardim das Adens

Peça 8.2 – Plano de Plantação – Jardim das Adens (proposta)

Peça 8.3 – Perfis – Jardim das Adens

Peça 8.4 – Fotomontagem – Jardim das Adens

Peça 8.5 – Planta de Pavimentos – Jardim das Adens (proposta)

Peça 9 – Jardim do Núncio – estado actual

Peça 9.1 – Plano Director de Restauro - Jardim do Núncio

Peça 9.2 – Plano de Plantação – Jardim do Núncio (proposta)

Peça 9.3 – Perfis – Jardim do Núncio

Peça 9.4 – Perfis – Jardim do Núncio

Peça 9.5 – Fotomontagem – Jardim do Núncio

Peça 9.6 – Planta de Pavimentos – Jardim do Núncio (proposta)

Peça 10 – Jardim de São Gonçalo – estado actual

Peça 10.1 – Plano Director de Restauro - Jardim de São Gonçalo

Peça 10.2 – Plano de Plantação - Jardim de São Gonçalo

Peça 10.3 – Perfis - Jardim de São Gonçalo

Peça 10.4 – Perfis - Jardim de São Gonçalo

Peça 10.5 – Fotomontagem - Jardim de São Gonçalo

Peça 10.6 – Planta de Pavimentos - Jardim de São Gonçalo (proposta)

Peça 11 – Plano Director de Restauro – Jardim das Adens | Jardim do Núncio | Jardim de São Gonçalo

CONCLUSÕES

A elaboração desta dissertação permitiu perceber a importância do contributo que os Jardins Históricos trazem até aos tempos actuais. Desta forma, e através da análise feita do caso de estudo da Penha Longa, foi possível intervir nos Jardins com métodos apropriados que dignifiquem o lugar, respeitando as suas características iniciais e a época da sua construção, tendo sempre em conta o público-alvo a que se destinam e o contexto que se pretende criar. Mostrou também que é possível devolver um uso a um conjunto histórico degradado inserindo-o num complexo turístico sem lhe retirar ou destruir o seu carácter simbólico, e permitindo aos utilizadores actuais o conhecimento do património outrora gerido e vivenciado por outro tipo de usuários com funções diferentes das actuais. O conjunto monástico da Penha Longa foi sofrendo diversas alterações ao longo dos anos, facto correspondente aos diferentes proprietários que consoante a época e o estilo de vida fizeram alterações que nem sempre foram as mais gratificantes. Actualmente o Mosteiro e a Igreja apresentam-se em bom estado de conservação e por isso achou-se por bem fazer o mesmo com os Jardins. Os três mais importantes Jardins deste conjunto e também os mais notáveis mereceram assim, um estudo aprofundado que lhes devolvesse as suas características iniciais dentro dos limites que foram permitidos. Com a disciplina de Mestrado de Recuperação e Gestão da Paisagem Cultural foram detidos conhecimentos sobre o restauro e recuperação de elementos históricos que contribuíram em grande escala para o desenvolver deste projecto. Pretendeu-se com a recuperação de alguns dos elementos da Quinta da Penha Longa, sensibilizar os proprietários para a importância dos jardins e de todo o conjunto, podendo desta forma fazer a rentabilização dos usos de cada um de modo a satisfazer as necessidades actuais não esquecendo a época histórica de construção. Assim e como modo de conclusão, pretende-se que este trabalho seja útil tanto para futuros trabalhos sobre a conservação e restauro de Jardins Históricos como para fazer perceber que os Jardins Históricos fazem parte integrante do tempo actual e que sem eles seriam mais difícil ter acesso a informações de tempos que nos antecedem.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

Internet

- *Sintra*. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. Disponível em <http://www.infopedia.pt/> [Consul. 12.Nov.2012]
- IGESPAR, s.d. *IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico*. [Online] Disponível em <http://www.igespar.pt/> [Consul. 31.Jan.2013]
- <http://www.cm-sintra.pt>
- ICOMOS, s.d. *ICOMOS - International Council on Monuments and sites*. [Online] Disponível em <http://www.icomos.org/> [Consul. 20.Out.2012]
- *Cultura*. In CMS [Em linha]. [Online] Disponível em <http://www.cm-sintra.pt> [Consul. 12.Nov.2012]
- *Ordem de S. Jerónimo*. [Online] Disponível em <http://www.mosteirojeronimos.pt/> [Consul. 12.Nov.2012]
- *MOSTEIRO DE SÃO JERÓNIMO DE PENHA LONGA*. 12liv., 29mç.; perg., papel. Disponível em <http://digitarq.dgarq.gov.pt/> [Consul. 12.Nov.2012]
- <http://euromachs.fl.uc.pt/>
- *Convento da Penha Longa*. [Online] Disponível em <http://www.monumentos.pt/> [Consul. 12.Nov.2012]
- Históricos, A. P. d. S. e. J., s.d. *Associação Portuguesa de Jardins e Sítios Históricos*. [Online] Disponível em <http://www.jardinshistoricos.pt/> [Consul. 20.Out.2012]
- Resort, P. L. H. S. G., s.d. [Online] Disponível em <http://www.penhalonga.com> [Consul. 12.Nov.2012]
- UNESCO, 1995. *UNESCO - Building Peace in minds of men and women*. [Online] Disponível em <http://whc.unesco.org/> [Consul. 20.Out.2012]
- COSTA, José Carlos [et al.], *Biogeografia de Portugal* [Em linha]. [s.l.]: Quercetea, 1998, ISSN 0874-5250, [Consult. em 15.Abril.2014]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10198/714>
- Anon., *Ordem de S. Jerónimo*. Mosteiro dos Jerónimos [Em linha] [Consult. 20.Janeiro.2013] Disponível em <http://www.mosteirojeronimos.pt/pt/index.php>
- *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*, [Em linha]. [Consult. 20.Out.2012]. Disponível em URL: <http://whc.unesco.org/en/convention/>
- ICOMOS - *Carta de Veneza sobre Conservação e Restauro dos Monumentos e Sítios*. [Em linha].

- [Consult. 20.Out. 2012]. Disponível em
 URL:http://www.icomos.org.br/cartas/Carta_de_Veneza_1964.pdf
- ICOMOS – *Carta de Florença sobre a Salvaguarda de Jardins Históricos*. [Em linha].
 [Consult. 20. Out.2012]. Disponível em URL:
<http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/cartadeflorenca.pdf>
- ICOMOS – *Carta de Burra*. [Em linha]. [Consult. 20.Outo.2012]. Disponível em URL:
http://www.international.icomos.org/charters/burra1999_spa.pdf
- UNESCO - *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*.
 [Em linha]. [Consult. 20.Out.2012]. Disponível em URL:
<http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>
- ICOMOS – *Carta Internacional do Turismo Cultural*. [Em linha]. [Consult. 20.Out.2012].
 Disponível em URL:
<http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/cartaintsobreturismocultural1999.pdf>

Catálogos

- Secretaria de Estado do Turismo. Instituto Superior de Agronomia; *Jardins Históricos de Portugal - Projecto piloto de valorização cultural e turística*. Lisboa: Secretaria de Estado do Turismo, Fundo de Turismo, Maio 1995.

Monografias

- AA. VV.; *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007, ISBN: 978-972-241-428-9.
- ALMEIDA, Isabel Cruz (coord.); *S. Jerónimo no Mosteiro de Belém*. Lisboa: Livraria escolar editora, 1997, ISBN: 972-8087-43-8.
- AÑÓN, C., *El Jardín Histórico: notas para una metodología previa al proyecto de recuperación*. [s.l.], Jardins et Sites Historiques, 1993.
- ARAÚJO, I. A. d., *Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal*. Lisboa: Ministério da obras públicas, Direcção Geral dos Serviços de urbanização, 1961.
- ANÓNIMO, *Goldenbook of Estoril Coast and Sintra*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1995/96.
- ANTHONY, John; *Discovering Period Gardens*. [s.l.]: Shire Publications LTD, ISBN: 0-7478-0340-4.

- ➔ AZAMBUJA, S. T., *A Linguagem Simbólica da Natureza, a flora e a fauna na pintura seiscentista portuguesa*. 1º ed. Lisboa: Nova Veja, 2009.
- ➔ AZAMBUJA, Sónia Talhé – "From Iconography to Symbology: Landscape and Nature in Portuguese Art (15th-16th Centuries)". In SCHOOL OF SCIENCES, UNIVERSITY OF PORTO (org.) – *Landscape: A Place of Cultivation*. Peer Reviewed Proceedings of European Council of Landscape Architecture Schools (ECLAS) 2014 Conference (21 to 23 September 2014). Porto: ECLAS/School of Sciences, University of Porto, 2014, pp. 375-380.
- ➔ BARBOSA, J. de Vilhena; *Notícia Histórica sobre a Celebrada Imagem de Nossa Senhora da Saúde da Penha Longa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.
- ➔ BELIZ, J. M. & Gomes, C. P., *A Vegetação e a Paisagem da Quinta da Penha Longa - conservação e recuperação*, Sintra: s.n., 1990.
- ➔ CACHUCHO, Silvana Maria Ferreira da Silva; *Metodologia de Restauro de um Jardim Histórico. O Palácio dos Marqueses de Ficalho em Serpa*. Apresentada ao Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa em 2000; Lisboa: [s.n] Trabalho de fim de curso de Arquitectura Paisagista.
- ➔ CAETANO, J. & Saldanha, N. *A Quinta da Penha Longa*. Sintra: Biblioteca Municipal de Sintra, 1989.
- ➔ CARITA, H. & Cardoso, H., *Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal ou da originalidade e desaires desta arte*. Lisboa: Quetzal Editores, 1987.
- ➔ CARDOSO, Ana Rute Pires; *As Quintas Torrejanas. Análise, Interpretação e Proposta de uma Rota Cultural e Ambiental em torno do Rio Almonda*. Apresentada ao Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa em 2001; Lisboa: [s.n] Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura Paisagista.
- ➔ CARDOSO, Felipa Espírito Santo. *Sintra e suas Quintas*. Sintra: Edição de autores, 1983.
- ➔ CASTEL-BRANCO, Cristina. *A Água nos Jardins Portugueses*. Lisboa: Scribe, 2009, ISBN: 978-989-841-008-5.
- ➔ CASTEL-BRANCO, Cristina; *Jardins com História – Poesia atrás dos muros*. Lisboa: Edições Inapa, 2002, ISBN: 972-797-032-X.

- COELHO, Maria Helena da Cruz; *D. João I*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005.
- COELHO, Sara Alexandra Duarte Fernandes Marques; *Salvaguarda e Recuperação de Quintas com Valor Histórico e Cultural, Recuperação da Quinta da Abelheira*. Apresentada ao Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa em 2004; Lisboa: [s.n] Relatório do trabalho de fim de curso de Arquitectura Paisagista.
- CHUMBO, Natacha Sofia Fernandes; *Intervenção na Quinta do Palácio dos Condes de Vimeiro*. Apresentada ao Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa em 2003; Lisboa: [s.n] Trabalho de fim de curso de Arquitectura Paisagista.
- DIAS DOS SANTOS, Cândido; *Os Monges de S. Jerónimo em Portugal na época do Renascimento*. 1ª ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1984.
- FORTES, M., *Jardins da Quinta da Penha Longa*. [s.l.]: [s.n.], 1992.
- *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XXIX, Lisboa: Editorial Enciclopédia, Lda, 1978.
- HAUPT, Albrecht , *A Arquitectura do Renascimento em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1986, ISBN: 978-972-230-115-2.
- HENRIQUES, Pedro Castro; NEVES, Renato; *Percursos, Paisagens & Habitats de Portugal*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000, ISBN: 972-37-0597-4.
- HUNT, Dixon John; *Garden History: Issues, Approaches, Methods*. Washington, D.C.: Dumbarton Oaks Trustees for Harvard University, 1989, ISBN: 0-88402-197-1.
- JUROMENHA, V. d., *Cintra Pituresca, ou Memória Descritiva da Villa de Cintra, Colares e seus Arredores*. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1838.
- LEITE, Ana Filipa; *Estratégias de gestão e de conservação para a paisagem cultural de Sintra, Património Mundial*. Apresentada ao Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa em 2013; Lisboa: [s.n] Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura Paisagista.
- MARQUES, S.,. *Convento da Penha Longa - Verbetes dos documentos referentes a Sintra, ordenados cronologicamente*. [s.l.]:[s.n.], 1978.

- ➔ MATOS, Rute Sousa; *Recuperação de Jardins Históricos em Portugal*. Évora: Universidade de Évora, 1999, Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico.

- ➔ PEREIRA, Arturo D.; CARDOSO, Felipa Espírito Santo; CORREIA, Fernando Calado; *Sintra e suas Quintas*. [s.l.]: Edição dos autores, 1983.

- ➔ PINHEIRO, João de Deus; *Salvaguarda do Património Arquitectónico Europeu – Jardins de Valor Histórico*. Atenas: Comissão Europeia Direcção-Geral X, 1994.

- ➔ RIBEIRO, José Cardim; *Sintra Património da Humanidade*. [s.l.]: Camara Municipal de Sintra, 1998.

- ➔ SARAIVA, J. H., *Lugares Mágicos de Portugal*. [s.l.]: Selecções no Reader's Digest, 2007.

- ➔ SERRÃO, Vítor; *Sintra*. 1ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

- ➔ SILVA, Denise Pereira da; *Penha Longa*. Sintra: gir, gabinete impressor, 1999.

- ➔ SILVA, José Cornélio; LUCKHURST, Gerald; CARDOSO, António Homem; *Sintra: Paisagem e suas Quintas*. Lisboa: Edições Inapa, 1989, ISBN: 972-9019-07-X.

- ➔ SOUSA, Tude Martins de; *Mosteiro e Quinta da Penha Longa na Serra de Sintra*. Sintra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1946.

- ➔ VIEIRA, Afonso Lopes, «Impressão geral [sobre Sintra]», Vol. I, [s.l.]: direcção de Raul Proença, 1924, p.478.

- ➔ XAVIER, António Manuela; *Das Cercas dos Conventos Capuchos*. Évora: Casa do Sul Editora, Centro de História de Arte da Universidade de Évora, 2004, ISBN: 972-8661-19-3.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadros:

Quadro 1 – Esquema da metodologia de trabalho com a descrição das etapas realizadas até à intervenção nos jardins históricos (Fonte: Esquema de Restauro de Jardins Históricos - Coordenação de Arquitectos Paisagistas (a partir do *National Trust of England*))

Quadro 2 - Quadro dos diferentes documentos respeitantes à preservação de sítios históricos (Fonte: Cartas e Convenções do ICOMOS | UNESCO)

Quadro 3 - Quadro síntese de análise e diagnóstico dos Jardins da Penha Longa com a descrição dos problemas actuais e possíveis soluções (Fonte: autora)

Figuras:

FIG.1 - Vila Velha de Sintra, Palácio da Vila

(<http://espacoememoria.blogspot.pt/2011/11/sintra-as-cidades-patrimonio-mundial-e.html>)

FIG.2 - Sintra classificada Património Mundial em 1992

(<http://cidadaniaix.blogspot.pt/2012/06/unesco-vai-voltar-ao-tua-para-analisar.html>)

FIG.3 - Penedo dos ovos (http://www.gce-agency.com/kunden_bilder_0_penha.html)

FIG.4 - Interior da gruta do Penedo dos Ovos (autores)

FIG.5 - Lagoa Verde junto à entrada principal da propriedade (autores)

FIG.6 - Lentisco (autora)

FIG.7 - Pinheiro Manso (autora)

FIG.8 - Oliveiras (autora)

FIG.9 - Castelo dos Mouros na Serra de Sintra

(<http://arteemtodaaparte.wordpress.com/2011/09/22/o-castelo-dos-mouros/>)

FIG.10 - Um dos vários percursos existentes na Serra de Sintra

(http://www.cafeportugal.net/pages/sitios_artigo.aspx?id=5269)

FIG.11 - Imagem de São Jerónimo em oração de Rembrandt

(<http://vejasp.abril.com.br/materia/masp-gravura-escultura>)

FIG.12 – Convento da Penha Longa (imagem retirada da página online da BNP, da autoria de BURNETT, William H., fl. ca. 1830-1860. The Convent of the Penha Longa [Visual gráfico / drawn from nature & on stone by W. H. Burnett. - [S.l. : s.n., ca. 1834]. - 1 gravura : litografia, p&b (impr. sobre papel china) <http://purl.pt/5592> - Estampa pertencente ao álbum "Views of Cintra". - Dim. da comp. sem letra: 20,3x28,7 cm)

FIG.13 - São Jerónimo no deserto

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:L%C3%A9onard_de_Vinci_-_Saint_J%C3%A9r%C3%B4me.jpg)

FIG.14 - Mosteiro da Penha Longa (<http://www.alqueydam.com/arquivo/343>)

FIG.15 - Mosteiro da Penha Longa, (in: CARDOSO, Felipa Espírito Santo. 1983, *Sintra e suas Quintas*. Sintra: Edição de autores)

FIG.16 - Claustro do Mosteiro de Santa Maria de Belém, no início do século XIX, Litografia “Le Portugal Pittoresque et Architectural” by William Barclay (Museu da Cidade, Lisboa)

FIG.17 - Mosteiro da Penha Longa (<http://sapoencia.blogs.sapo.pt/426443.html>)

FIG.18 - Empreendimento na Penha Longa (<http://www.portugalvirtual.pt/penha.longa/>)

FIG.19 - Golfe da Penha Longa (<http://uppgolf.blogspot.pt/2010/02/54-estoril-open-de-portugal-na-penha.html>)

FIG.20 - Hospedarias, vista a partir do Jardim do Cardeal (autores)

FIG.21 - Conjunto da Penha Longa, vista aérea (<http://sapoencia.blogs.sapo.pt/426443.html>)

FIG.22 - Grande painel presente no antigo Refeitório (autores)

FIG.23 - Cozinha (autores)

FIG.24 - Sala das Armas (autores)

FIG.25 - Sala das Armas (autores)

FIG.26 - Sala dos Arcos – aspecto actual (autores)

FIG.27 - Sala dos Arcos (autores)

FIG.28 - Interior actual da Igreja da Penha Longa (autores)

FIG.29 - Exterior actual da Igreja da Penha Longa (autores)

FIG.30 - Entrada para a capela onde se encontra a Fonte da Porca (autores)

FIG.31 - Capela onde se encontra actualmente a Fonte da Porca (autores)

FIG.32 - Fonte da Porca, estado original (in: CARDOSO, Felipa Espírito Santo. 1983, *Sintra e suas Quintas*. Sintra: Edição de autores)

FIG.33 - Jardim das Damas (autores)

FIG.34 - Panorâmica do estado actual do Jardim das Adens (autores)

FIG.35 - Jardim do Cardeal (autores)

FIG.36 - Jardim do Cerco, estado actual (autores)

FIG.37 - Jardim do Núncio, estado actual (autores)

FIG.38 - Canteiros existentes no Jardim do Núncio (autores)

FIG.39 - Lápide onde se pode ler *T. M. BESSONE TORNOU A REEDIFICAR ESTA OBRA NO ANNO DE 1862*

FIG.40 - Pormenor dos bancos em pedra junto dos canteiros (autores)

FIG.41 - Tanque central do Jardim do Núncio (autores)

FIG.42 - Pormenor da entrada de água no tanque central (autores)

FIG.43 – Jardim de São Gonçalo, vista da entrada principal (autores)

FIG.44 – Estrutura actualmente existente no Jardim de São Gonçalo (autores)

FIG.45 – Actual estado de conservação dos muros (autores)

FIG.46 – Interior da Capela de São Gonçalo (autores)

FIG.47 – Pormenor dos canteiros (autores)

FIG.48 – Fonte (autores)

FIG.49 - Caleira de condução de água (autores)

FIG.50 - Banco em pedra existente no Jardim do Caphião (autores)

ANEXOS